



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

CARLOS SENNA SOARES FARIAS

**ENSINO DE GEOGRAFIA E ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS:
ABORDAGEM DOS ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS DA REGIÃO SEMIÁRIDA
NO ENSINO MÉDIO**

**FORTALEZA
2018**

CARLOS SENNA SOARES FARIAS

ENSINO DE GEOGRAFIA E ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS:
ABORDAGEM DOS ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS DA REGIÃO SEMIÁRIDA
NO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada ao Curso de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Edivani Silva Barbosa.

FORTALEZA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F238e Farias, Carlos Senna Soares.

Ensino de geografia e organização de conteúdos: abordagem dos aspectos físicos e humanos da Região Semiárida no Ensino Médio / Carlos Senna Soares Farias. – 2018.
60 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Maria Edivani Silva Barbosa.

1. Geografia - Ensino e aprendizagem (Ceará). 2. Ensino Médio - Semiárido (Brasil, Nordeste). 3. Conteúdos geográficos. I. Título.

CDD 910

CARLOS SENNA SOARES FARIAS

ENSINO DE GEOGRAFIA E ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS:
ABORDAGEM DOS ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS DA REGIÃO SEMIÁRIDA
NO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada ao Curso de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Maria Edivani Silva Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Francisco Kennedy Leite Felix
Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza (SME)

Prof. Esp. Leonardo Moreira Quixadá
Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC)

A Deus.

Aos meus pais, meus avós, meus
padrinhos e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe que é a pessoa mais importante em toda a trajetória da minha vida e que se fez presente em todos os momentos da minha formação.

A toda minha família que em meio as dificuldades sempre fizeram o possível para que eu tivesse uma base de apoio para me dedicar aos estudos.

Aos meus amigos que sempre se fizeram presentes, tanto nos momentos de comemoração como nos difíceis, e que torcem pelo meu sucesso.

Agradeço a melhor turma (2015.1) que eu poderia ter nesse processo de formação. Obrigado por me ajudarem a chegar até aqui. Em especial agradeço ao Bruno, Dimas, Virlanda, Mayara e Anderson, saibam que sem vocês eu não teria conseguido chegar até aqui.

A professora Maria Edivani Silva Barbosa por todo o apoio dado não só na orientação deste trabalho, mas durante toda a minha formação. Muito do que aprendi a ser professor foi com o seu exemplo.

Agradeço ao professor João Paulo Matias Paiva, o professor de Geografia que supervisionou minhas atividades de estágio no Ensino Médio e que também foi meu professor no meu Ensino Médio. Obrigado por todo apoio e pela disponibilidade de sempre ajudar no que fosse preciso.

Faço um agradecimento especial aos alunos do Ensino Médio das turmas que realizei as regências e que participaram desta pesquisa, pude aprender muito com cada aluno das duas turmas durante a realização das regências, em meio ao medo e a ansiedade muito foi aprendido por mim.

Aos professores participantes da banca examinadora pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões e por serem exemplos de professores dedicados a educação e formação dos alunos.

E por fim, mas não menos importante, agradeço à CAPES pelo financiamento do PIBID onde tive experiências vivenciadas enquanto bolsista desse programa que me ajudaram na construção do professor que me torno a cada dia.

“A docência implica também seu par dialético: aprender com os outros e despir-se do que se aprendeu para se reinventar na profissão, “raspar a tinta” com que nos pintaram para pensar nossa existência e refazer outras pinturas. A docência implica autoria, e ela requer sentimentos, emoções; é preciso “desencaixotar” emoções, ser – o que não é nada fácil – “eu mesmo”. Implica também um ato de cidadania: dizer sua palavra.” (KAERCHER, 2007, p. 16).

RESUMO

A imagem do semiárido brasileiro foi sendo construída junto com a história do país, sendo sempre passada uma imagem negativa de uma região estigmatizada pela pobreza, miséria, pessoas doentes e que passam por necessidades, com a falta de água. Atualmente, com o avanço da tecnologia e a diversidade das mídias sociais, é possível ter uma compreensão mais ampla da verdadeira realidade da região semiárida e das pessoas que nela vivem; compreende-se a existência de problemas, porém não se resume a isso, existem riquezas naturais e culturais e é preciso disseminar esta realidade. A escola, sendo um espaço de construção do conhecimento através de reflexões sobre a realidade, acaba tendo um papel importante nesse processo de desconstrução da imagem negativa do semiárido, possibilitando uma abordagem mais crítica e política dos seus aspectos. Esta pesquisa foi realizada junto as atividades do Estágio IV desenvolvidas numa escola de Ensino Médio na cidade de Fortaleza-CE e parte dos seguintes objetivos: compreender como são trabalhados os aspectos físicos e humanos da região semiárida no ensino de Geografia no Ensino Médio; entender como a região semiárida é abordada no livro didático e pelo professor de Geografia; identificar a compreensão que os alunos do Ensino Médio têm sobre a região semiárida; desenvolver práticas pedagógicas que permitam uma aproximação com o estudo da região semiárida e da sua importância. Para tanto, utilizo neste trabalho uma metodologia do tipo participativa com intervenção, com uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, tendo propósitos descritivos e explicativos. Os resultados mostram que a realidade vivenciada no Ensino Médio é de continuidade da imagem negativa do Semiárido brasileiro, reforçada pela falta de espaço para discussão dessa região no Livro Didático diante dos conteúdos propostos pelo currículo e a falta de tempo para o professor desenvolver atividades que possibilitem uma discussão mais crítica do Semiárido. Então mostra-se a necessidade de se reorganizar a relação do tempo com os conteúdos propostos para o Ensino Médio na tentativa de dar subsídios para o professor de Geografia trabalhar o conteúdo do Semiárido de uma maneira ampla e crítica para a melhor formação dos alunos.

Palavras-chave: Semiárido. Ensino Médio. Conteúdos geográficos.

ABSTRACT

The image of the Brazilian semi-arid was built along with the history of the country, always being a negative image of a region stigmatized by poverty, misery, sick and needy people, and lack of water. Today, with the advancement of technology and the diversity of social media, it is possible to have a broader understanding of the true reality of the semi-arid region and the people who live in it; we understand the existence of problems, but it is not limited to that, there are natural and cultural riches and it is necessary to disseminate this reality. The school, being a space for building knowledge through reflections on reality, ends up playing an important role in this process of deconstruction of the negative image of the semi-arid, allowing a more critical and political approach to its aspects. This research was carried out together with the activities of Stage IV developed in a high school in the city of Fortaleza-CE and part of the following objectives: to understand how the physical and human aspects of the semi-arid region are worked in the teaching of Geography in High School; understand how the semi-arid region is approached in the textbook and by the Geography teacher; to identify the understanding that High School students have about the semi-arid region; develop pedagogical practices that allow an approximation with the study of the semi-arid region and its importance. For this, I use in this work a participative methodology with intervention, with a methodological approach of qualitative character, having descriptive and explanatory purposes. The results show that the reality experienced in High School is a continuation of the negative image of the Brazilian Semi-arid, reinforced by the lack of space for discussion of this region in the Didactic Book in front of the contents proposed by the curriculum and the lack of time for the teacher to develop activities that make possible a more critical discussion of the Semi-Arid. Then it is necessary to reorganize the relation of time with the contents proposed for High School in an attempt to give subsidies to the Geography teacher to work the contents of the Semi-arid in a broad and critical way for the better formation of the students.

Keywords: Semi-arid. High school. Geographic contents.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Vegetação Caatinga no município de Parambu-CE no mês de abril	24
Figura 2 Momento de discussão com os alunos sobre os aspectos físicos e humanos do Semiárido	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação Semiárido Brasileiro
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LGBTQ+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e <i>Queer</i>
PCN'S	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O SEMIÁRIDO E O ENSINO DE GEOGRAFIA	22
2.1	Conhecendo o Semiárido: a sociedade e a natureza do sertão	22
2.2	Ensino de Geografia e Semiárido: construção desse conceito no Ensino Médio	27
2.2.1	<i>Documento oficiais na construção do conceito de Semiárido no Ensino Médio</i>	30
3	O OLHAR DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA PARA O SEMIÁRIDO: DIFICULDADES A SEREM VENCIDAS	35
3.1	O professor de Geografia entre a teoria e a realidade	35
3.2	Livro Didático: até que ponto ele é um aliado?	41
4	O JOVEM URBANO E O ESTUDO DO SEMIÁRIDO: VISÕES E PERCEPÇÕES DE UM CONCEITO	46
4.1	O que sabem os alunos sobre o semiárido?	48
4.2	Aproximação com o Local: o Semiárido no Ensino Médio	53
5	CONCLUSÃO	57
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE A – ENTREVISTA DIRECIONADA AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA SUPERVISOR DAS ATIVIDADES DO ESTÁGIO IV NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO	61
	APÊNDICE B – ENTREVISTA DIRECIONADA AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	62

1 INTRODUÇÃO

O Semiárido brasileiro abrange uma área de 969.589,4 km² da região Nordeste, exceto no Estado do Maranhão, e atinge 85 municípios do Estado de Minas Gerais. Essa região possui peculiaridades tanto relacionadas aos aspectos físicos quanto aos humanos, sendo, portanto rica em bens naturais, história e cultura. No que se refere ao Nordeste, toda a riqueza expressa nessa região muitas vezes acaba sendo menosprezada, quando são destacados apenas os problemas que nela existem, como a pobreza e a falta d'água, ocasionando uma generalização da região.

A imagem do semiárido brasileiro foi sendo construída junto com a história do país, sendo sempre associada a uma construção negativa de uma região estigmatizada pela pobreza, miséria, pessoas doentes e que passam por necessidades, com a falta de água. Essa é a narrativa passada para as demais regiões do país, principalmente para as Regiões Sul e Sudeste, discurso este propagado pelas mídias e pelos livros didáticos.

Atualmente, com o avanço da tecnologia e a diversidade das mídias sociais, é possível ter uma compreensão mais ampla da verdadeira realidade da região semiárida e das pessoas que nela vivem; compreende-se a existência de problemas, porém não se resume a isso, existem riquezas naturais e culturais e é preciso disseminar essa realidade para desmistificar a imagem negativa já construída no imaginário da maioria das pessoas.

A escola, sendo um espaço de construção do conhecimento mediante reflexões sobre a realidade, acaba tendo um papel importante nesse processo de desconstrução da imagem negativa do semiárido, possibilitando uma abordagem mais crítica e política dos seus aspectos. Por ser também um espaço plural, de encontro de culturas diferentes pelas características diversas dos sujeitos presentes neste espaço, a escola serve como um local apropriado para valorizar a cultura dessa região que é tão rica.

A Geografia como uma ciência que estuda a relação entre a sociedade e a natureza, tem como papel compreender as relações existentes na região semiárida entre seus aspectos físicos e humanos e possibilitar uma reflexão sobre as relações desses aspectos negativos e positivos.

O Ensino de Geografia possibilita a união do conhecimento científico, aprendido na universidade com o conhecimento popular que os alunos trazem consigo e tão presente no local de vivência deles. Em virtude de a região semiárida compor a maior parte do Estado do Ceará, se faz necessário trazer essa abordagem da região interiorana para a Capital, pois mesmo sendo duas realidades diferentes elas estão intrinsecamente ligadas por suas relações estabelecidas por diversos fatores, por exemplo, econômicos e naturais.

A construção de conceitos no Ensino de Geografia é um momento muito importante para a aprendizagem dos alunos, pois os possibilitam compreender todos os aspectos que envolvem um conceito geográfico e como podem aplicá-los no seu cotidiano, como eles estão presentes em suas vivências. Por isso é necessário se trabalhar em sala de aula com a construção de conceitos que no geral foram apresentados a esses alunos de uma maneira negativa, como é o caso do semiárido brasileiro.

Atualmente, é perceptível um distanciamento entre os jovens e os conteúdos escolares, pois com o avanço da tecnologia e o perfil desses jovens com uma cultura urbana que o tempo todo estigmatiza o rural, eles acabam não dando tanta importância para a aprendizagem destes conteúdos. Dessa maneira, se faz necessário intervir no ensino para aproximar os temas estudados com o cotidiano deles, para de alguma maneira atrair a atenção deles para o momento de aprender.

O Estágio Curricular em Geografia IV (Ensino Médio), que compõe a carga horária da formação do professor de Geografia, na Universidade Federal do Ceará, é uma oportunidade de se ter essa experiência de encontro entre dois espaços, o acadêmico vivenciado durante a graduação e o espaço escolar, onde é construída a educação básica. Esse momento é propício a se fazer questionamentos, buscar respostas e desmiuçar o espaço escolar, principalmente por ser o futuro local de trabalho dos professores hoje em formação.

Essa pesquisa de monografia foi realizada atrelada as atividades do Estágio IV, componente curricular obrigatório do 8º semestre, que tem como principal objetivo inserir os licenciandos no contexto das escolas do Ensino Médio, com o intuito de se adquirir experiência com essa realidade, servindo como fechamento de um ciclo vivenciado em todas as atividades dos estágios obrigatórios anteriores.

Tendo um contato com a realidade do Ensino Médio é perceptível um problema existente em relação aos conteúdos relacionados à região semiárida com

aquilo que é ensinado em sala de aula, quer seja com os conteúdos programados, com o livro didático ou com as práticas dos professores de Geografia.

Um fator relevante nessa problemática é o fato do distanciamento que existe entre grandes cidades, metrópoles, capitais com as regiões do interior do país, assim nas escolas do município de Fortaleza-CE não é diferente, pois no decorrer do ano letivo, na preocupação de se cumprir todo o conteúdo programado para o ano, não é realizada uma leitura dessas regiões que são próximas e ligadas a vida na cidade. Com isso é necessário buscar compreender quais motivos levam a essa realidade no Ensino de Geografia e que contribuições podem ser feitas para amenizá-la diante da realidade das atividades do Estágio Curricular em Geografia IV, apresentando possibilidades de ensino sobre esta temática fornecendo materiais e atividades pedagógicas para o professor de Geografia e possibilitando uma aproximação dos alunos através das atividades executadas nas intervenções.

Diante dessa realidade encontrada no Ensino de Geografia no Ensino Médio são levantados alguns questionamentos: de que maneira a região semiárida é abordada no ensino de Geografia tentando desmistificar a imagem negativa que ela tem até os dias de hoje? Será que o livro didático é um bom suporte para o ensino e aprendizagem desse conteúdo? O professor de Geografia que leciona no Ensino Médio se preocupa em fazer um estudo crítico no estudo da região semiárida? Que olhar os alunos do Ensino Médio têm para com essa região? O que se precisa fazer para que aconteça a aproximação da região semiárida com a realidade do Ensino Médio? Estes são alguns questionamentos importantes para se entender como acontece o ensino e aprendizagem do conteúdo relacionado com o semiárido no Ensino Médio.

O Ensino Médio é um momento da educação básica de formação do cidadão numa fase de adolescência na maioria das vezes, com isso é importante se levar sempre em consideração aquilo que vai contribuir para a construção de imagem de mundo desses adolescentes e jovens. Buscar entender como são abordados temas tão presentes na vida desses jovens dentro de sala de aula é de extrema importância para cada vez mais melhorar as práticas expressas nesse processo de ensino e aprendizagem. Com base nesse contexto, os objetivos deste trabalho foram definidos da seguinte maneira: compreender como são trabalhados os aspectos físicos e humanos da região semiárida no ensino de Geografia no Ensino Médio; entender como a região semiárida é abordada no livro didático e pelo

professor de Geografia; identificar a compreensão que os alunos do Ensino Médio têm sobre a região semiárida; desenvolver práticas pedagógicas que permitam uma aproximação com o estudo da região semiárida e da sua importância;

Minha aproximação com a temática tem motivos pessoais que foram construídos através de relações sentimentais e familiares. Pelo fato dos meus pais e a maior parte da minha família ter nascido e ser criada em cidades interioranas localizadas na região semiárida, acabei crescendo estabelecendo um contato pessoal com essa região, com suas características e com o povo que nela vive. Assim, pude construir uma imagem mais próxima da realidade do povo que vive no semiárido, das qualidades naturais e culturais presentes nela, que são bem diferentes da que é vinculada ao imaginário de algumas pessoas.

Ao ingressar no curso de Geografia e a cada passo vivenciado nesse percurso formativo, pude reconhecer a importância de todas as vivências que tive com as pessoas que vivem no semiárido, de como elas contribuíram para minha formação cidadã e reconheci a necessidade de em algum momento da minha graduação retribuir essa importância e disseminar da maneira positiva e possível toda a cultura dessa região.

Durante a graduação pude vivenciar várias aulas de campo para cidades no interior do Ceará, onde foi possível adquirir ainda mais experiências com o povo sertanejo e com as paisagens deslumbrantes localizadas nessas cidades, aumentando minha intenção de trabalhar com a temática do semiárido no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Com isso, no momento de escolher a temática do TCC, logo refleti sobre algo em que eu pudesse de alguma maneira inserir a temática “semiárido”, que para mim é tão familiar. Esse critério, é claro, ocorre num âmbito mais pessoal do que mesmo acadêmico, porém ele ganha relevância dentre das minhas práticas de ensino, vinculadas a realidade do meu estágio IV desenvolvido numa escola de Ensino Médio na cidade de Fortaleza.

Ao realizar uma pesquisa é necessário ter a compreensão da importância desta em níveis diferentes, sejam pessoais do pesquisador, para a produção acadêmica referente ao tema pesquisado e também para aqueles sujeitos presentes na pesquisa.

A relevância científica se expressa pela contribuição que ela trará para o leque de pesquisas sobre o Ensino de Geografia que a meu ver vem crescendo,

mas ainda em pequenos passos, por isso ao finalizar o curso e realizar uma pesquisa sobre uma temática específica mais relacionada ao Ensino de Geografia contribuirá para difundir cada vez mais esse espaço dentro da Geografia.

É perceptível ainda hoje no curso de Geografia uma diferença de atenção e importância dada em relação ao curso de bacharelado e o de licenciatura, sendo o curso de formação de professores muitas vezes menosprezado por pesquisadores, professores universitários e outros sujeitos do meio acadêmico, então é sempre importante, e válida, toda pesquisa que irá acrescentar na discussão acerca do Ensino de Geografia.

Para o professor de Geografia ter a oportunidade de finalizar sua formação com o desenvolvimento de uma pesquisa é de extrema importância, pois coloca o professor na condição de pesquisador no espaço que será seu local de trabalho, no caso a escola. O coloca numa situação que deve ser comum e contínua após a formação, de professor pesquisador, tendo uma visão da escola como um espaço rico para o desenvolvimento de pesquisas diversas.

Ao se pensar na relevância social desta pesquisa, primeiro vem à tona o peso de se tratar uma temática que leva o nome, o povo e uma região que ainda hoje é muito estereotipado(a), excluído(a) e desrespeitado(a) pela sociedade, tanto no âmbito nacional, mas também pelos grupos das grandes metrópoles como no caso de Fortaleza que é o *lócus* dessa pesquisa, com isso tratar essa temática de modo mais crítico dentro da sala de aula da educação básica, para dentro de uma Universidade Federal numa conclusão de curso pode contribuir para cada vez mais se discutir e desmistificar a imagem dessa região.

Ao se pensar fazer pesquisa acadêmica é preciso levar em consideração os sujeitos que estarão presentes nesse processo e como suas vozes se farão ressignificadas. No caso desta pesquisa existem sujeitos que se fazem presentes no tema estudado, no caso a região semiárida, então as pessoas que vivem nessa região e principalmente sobrevivem nela com o que ela tem a oferecer precisam ter seu espaço numa pesquisa como essa. Com isso eles tiveram esse espaço durante as práticas desenvolvidas em sala de aula no desenvolver da pesquisa, sendo destacados seu modo de vida, costumes, cultura e riquezas naturais.

A sociedade contemporânea convive com diversos problemas sociais que muitas vezes são tratados com indiferença por grupos que compõem essa sociedade, grupos estes que podem ser formados por políticos, grandes

empresários, até mesmo professores universitários ou da educação básica. O problema social que o povo do semiárido brasileiro convive se estende há anos de história do país, por causa das atitudes de pessoas que estiveram no poder e não se preocuparam em trazer soluções para uma boa convivência com as características naturais desta região. Então, é preciso trazer para dentro da escola momentos que possibilitem a realização de discussões entre os alunos com o auxílio dos professores para se desvendar esse e outros problemas sociais e entender o papel de cada um dentro desses problemas, pois eles não são distantes e nem alheios.

Não é possível desvencilhar a política da educação, da escola, da sala de aula, por isso ao desenvolver uma pesquisa de conclusão de curso junto as atividades do Estágio IV são aplicados posicionamentos políticos. No caso dessa pesquisa ao contribuir para a diversificação da pesquisa sobre uma região e o povo que nela vive, que ainda hoje tanto sofre com discriminação social no nosso país é um ato político de contribuição com a luta desse povo em desmistificar essa imagem negativa que existe.

Ao desenvolver essa pesquisa numa escola situada numa grande capital como é o caso de Fortaleza, trazendo para dentro dela a discussão sobre um tema presente no interior do Estado, que muitas vezes é tratado com certa distância, é uma possibilidade de aproximar esses dois “mundos”, que na verdade são tão ligados por diversos aspectos.

Para o bom desenvolvimento da pesquisa é necessária uma delimitação bem estudada da metodologia utilizada, para que se possa alcançar da melhor maneira possível os objetivos propostos. Com o intuito de fazer bom uso dos materiais adquiridos com os sujeitos envolvidos na pesquisa foi escolhida uma metodologia com procedimentos e técnicas que permitissem o melhor aproveitamento desses materiais. Para tanto, utilizo neste trabalho uma metodologia do tipo participativa com intervenção, com uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, tendo propósitos descritivos e explicativos que permitam uma compreensão do objeto de estudo através da coleta de dados e que possa dar contribuições sobre a temática que auxiliem nas respostas de indagações que ainda surgirão sobre o tema. Prodanov e Freitas (2013) destacam como a pesquisa de cunho qualitativo permite uma abordagem mais aprofundada do ambiente pesquisado, tornando assim crucial na pesquisa a relação do pesquisador com o objeto de pesquisa durante todo o processo de pesquisar.

A escolha feita por essa metodologia tem como intuito dar espaço e voz para os sujeitos que fazem parte da pesquisa, entendendo a relevância de suas opiniões sobre o tema abordado para o desenvolvimento da pesquisa. Dar espaço para que esses sujeitos se sintam à vontade para expressarem aquilo que pensam e sabem sobre o tema pesquisado é prioridade nesse processo de pesquisa.

Como foi dito anteriormente as atividades desta pesquisa foram realizadas junto com as atividades do Estágio IV, sendo desenvolvidas numa escola estadual localizada no município de Fortaleza-CE. O nome da escola não será revelado por uma questão de ética. A escola está situada na periferia da Cidade, atendendo a alunos oriundos do próprio bairro de sua localização e atendendo a demanda de bairros vizinhos. Os sujeitos pesquisados são os alunos pertencentes a duas turmas de 1º ano da escola, sendo as turmas do 1º ano H e 1º ano I, onde na primeira existe um número de 45 alunos matriculados e na segunda turma 41 alunos. Também foi levado em consideração durante a pesquisa o professor de Geografia que contribuiu para a compreensão do problema estudado.

A metodologia utilizada foi definida nos seguintes procedimentos:

1. Revisão bibliográfica que se efetuou na leitura e análise de textos, livros, capítulos de livros, artigos publicados em periódicos que tratassem da temática estudada e contribuísse de alguma maneira. Os assuntos estudados foram: Ensino de Geografia; conceitos geográficos; teoria e prática no ensino e aprendizagem; região semiárida e seus aspectos físicos e humanos. Toda essa abordagem foi necessária para fundamentar todo o desenvolver da pesquisa e nortear o caminho a prosseguir;
2. Observação do espaço escolar no período dos meses de Setembro e Outubro/2018, totalizando 20hs de observação da sala de aula durante as aulas de Geografia e das estruturas físicas e humanas do espaço escolar, tendo como objetivo compreender quais são os jovens que estão presentes na sala de aula do Ensino Médio atualmente, perceber quais são suas queixas em relação ao ensino e se aproximar de sua realidade. Perceber como acontece a prática educativa do professor de Geografia, desde o seu planejamento até a sala de aula e entender como as estruturas presentes na escola influenciam no ensino e na aprendizagem dos alunos;
3. Análise dos seguintes documentos: Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB); os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio; e a

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com o intuito de compreender aquilo que é proposto para o ensino em relação ao tema estudado e aquilo que acontece na realidade da escola;

4. Entrevistas estruturadas aplicadas com um número amostral de alunos pertencentes nas duas turmas objetos de estudo da pesquisa e com o professor de Geografia que leciona nas turmas e supervisionou as atividades do estágio;
5. Intervenção pedagógica realizada nas turmas do 1º ano H e I, que aconteceram respectivamente no início de Novembro e final de Outubro/2018, com duração de 1h aula em cada turma. A intervenção foi estruturada da seguinte maneira: primeiro foi passado para a turma o documentário Conviver; em seguida fazendo uso de uma apresentação em PowerPoint foi apresentado os aspectos físicos e humanos da região semiárida, sempre tentando realizar um diálogo com a turma para a construção de uma nova imagem da região.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram definidos de acordo com a etapa da pesquisa e o objetivo a ser alcançado. A observação do espaço escolar aconteceu através da observação das aulas de Geografia nas duas turmas pesquisadas, fazendo uso de caderneta para anotações, também nessa etapa foi utilizada a câmera do celular para tirar fotos dos espaços da escola para contribuir na discussão. As entrevistas foram realizadas com um número amostral de 15 alunos de cada turma através da aplicação do questionário em sala de aula, onde a cada pergunta feita os alunos tinham um tempo para responder numa folha, após foi realizada uma tabulação destas respostas.

O trabalho de gabinete foi realizado posterior a obtenção dos dados adquiridos com as observações, entrevistas e a intervenção, sendo possível realizar toda a discussão do trabalho tentando responder aos objetivos propostos no trabalho.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos incluindo esta introdução. No segundo capítulo intitulado “O Semiárido no Ensino de Geografia” faço uma abordagem mais detalhada do que seja o semiárido, destacando suas características físicas e humanas para trazer informações necessárias aos leitores que não tem uma familiaridade com esse tema e continuo trazendo uma discussão acerca do proposto para o Ensino de Geografia por autores que trabalham com a

temática e aquilo que os documentos oficiais dizem sobre o semiárido no ensino de Geografia no Ensino Médio; o terceiro capítulo chamado “O olhar do Professor de Geografia para o Semiárido: dificuldades a serem vencidas” foi escrito para mostrar aquilo que o professor de Geografia compreende sobre a temática, como ele baseado na sua experiência ensina esse conteúdo e qual importância ele dá para a aproximação do local do aluno para dentro da sala de aula, também foi realizado uma análise do livro didático de Geografia buscando identificar os pontos positivos e negativos dele para com esse conteúdo, levando em consideração também como o professor ver e utiliza esse livro; no quarto capítulo nomeado “O Jovem Urbano e o Estudo do Semiárido: visões e percepções de um conceito” busquei dar voz e espaço para os alunos expressarem a compreensão que eles tem sobre o semiárido, onde essas informações foram adquiridas desde as observações em sala de aula até as entrevistas realizadas com um número amostral de alunos e desenvolvi os resultados conquistados através da intervenção realizada nas duas turmas na tentativa dessa aproximação dos alunos com a temática do semiárido; no quinto e último capítulo exponho a Conclusão deste trabalho que foi alcançada através de todo o percurso realizado na pesquisa.

2 O SEMIÁRIDO E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Ao olhar para o Ensino Médio na tentativa de entender qual a compreensão que os alunos têm de Semiárido, demanda a necessidade de primeiramente ter essa compreensão a nível acadêmico, de buscar na academia conceitos e discussões acerca dessa região em todos os seus aspectos, assim partindo dessa realidade procurar responder ao objetivo citado acima.

A Geografia estuda o Semiárido em seus diversos aspectos, tanto no que se refere aos aspectos climáticos, quanto aos aspectos relacionados à geomorfologia, vegetação, hidrografia e vida humana. Sendo assim, o Ensino de Geografia tem determinações de quais níveis desse conteúdo deve ser abordado no Ensino Médio e de que maneira perante cada faixa etária e nível estudantil.

Neste capítulo terei como enfoque três partes iniciais necessárias da pesquisa: a primeira trazendo uma discussão acerca do que seja o Semiárido com fundamento em autores que pesquisam essa área; a segunda percebendo como esse assunto deve ser abordado no Ensino de Geografia no Ensino Médio, com o auxílio de autores que discutem o papel da Geografia, da escola e do professor na formação do aluno; e por fim fazendo uso de documentos que regulamentam esse conteúdo no Ensino Médio, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2.1 Conhecendo o Semiárido: a sociedade e a natureza do sertão

A região semiárida do Brasil corresponde à uma área climática localizada em todos os estados do Nordeste, exceto o Maranhão, e a uma parte de Minas Gerais. Como afirma Nimer (1989, p. 338) “nas regiões tropicais pouco sujeitas as influências marítimas, a repartição das chuvas se caracteriza por sua grande concentração em poucos meses”, sendo assim as características climáticas são definidas basicamente por duas estações do ano, conhecidas por período chuvoso e período seco, onde o chuvoso corresponde a quatro meses do ano, por isso sendo chamada de quadra chuvosa, que vai do mês de fevereiro a maio e o resto do ano faz parte do período seco. Mas é preciso ter a consciência de que na natureza nada

é estático, por isso essa delimitação não é arbitrária, sendo possível ter chuvas pontuais durante os meses secos do ano.

Existem algumas regiões semiáridas espalhadas pelo planeta, mas a região presente no Brasil é aquela que mais se difere das outras, pois é o semiárido que mais chove no ano e também o mais populoso (MALVEZZI, 2007). Diante dessas diferenças é necessário se compreender que o modo de viver nessa região também é diferenciado, tanto das outras regiões semiáridas do planeta, quanto das outras regiões climáticas do nosso país.

A questão hídrica no semiárido é peculiar, pois como já foi dito anteriormente esta é a região semiárida que mais chove no planeta, porém existe uma explicação para a existência de tantos problemas com a água ou a falta d'água: o fato da proximidade da região com a linha do Equador a submete a forte radiação solar levando a temperaturas tão altas (NIMER, 1989), a água que chove é armazenada nos rios, lençol freático e reservatórios, mas dependendo da formação geológica essa água acaba evaporando rapidamente. Se a área do rio for constituída por rochas cristalinas suas águas só permanecem durante o período chuvoso, sendo assim um rio intermitente, mas se o caso for de rochas sedimentares a água pode infiltrar o levando a permanecer por mais tempo com água (ZANELLA, 2007). Por causa das altas temperaturas as taxas de evaporação e transpiração também são elevadas, sendo assim, a taxa de evapotranspiração é maior que as taxas pluviométricas no semiárido brasileiro ocasionando esse déficit que conhecemos.

A Caatinga é a vegetação de maior representatividade no semiárido, perante as condições climáticas essa vegetação é bem adaptada a essas condições e tem seu comportamento durante o ano determinado de acordo com as chuvas e temperaturas que ocorrem. Ela se adaptou a presença da água em maior abundância durante um período do ano, então a maioria das plantas fica cheia de folhas verdes durante essa parte do ano e com a escassez da água durante o resto do ano elas acabam perdendo as folhas por isso são caducifólias (PEREIRA e SILVA, 2007). Durante o período chuvoso elas armazenam água no seu caule para se manterem vivas durante o período seco e também desenvolvem espinhos, com a perda das folhas é constituído uma paisagem cinzenta no semiárido, mas essa paisagem não é sinônimo de morte, pelo contrário, a chegada das primeiras chuvas uma paisagem verde e cheia de folhas é reconstituída na região (FIGURA 1).

Figura 1 – Vegetação Caatinga no município de Parambu-CE no mês de abril



Fonte: FARIAS, C. S. S. (2015)

Sobre o relevo da região Nordeste Maia e Bezerra (2014) descrevem a formação deste relevo, os eventos que ocasionam seu surgimento e sua evolução. Suas características morfo-estruturais são constituídas em sua maioria por áreas mais planas, estando presente na maior parte da região as depressões que são chamadas de depressões sertanejas, onde se destacam as características climáticas, hídricas e da vegetação que compõem a região semiárida. Mas também são encontrados relevos de maior altitude como planaltos, chapadas e serras, que pela diferença altimétrica acabam revelando características mais diferenciadas.

Os solos são bem diversos nessa região, constituídos por algumas características específicas de um para o outro, onde o clima caracterizado por altas temperaturas, taxas pluviométricas baixas que são mal distribuídas e elevada evaporação vão determinar essas diferenças, acrescentando a esta realidade Pereira e Silva (2007, p. 190) afirmam que “essas características climáticas estão ainda associadas a uma vegetação natural de caatinga, grande prevalência de rochas cristalinas e relevo aplainado”.

Para uma maior compreensão dos solos presentes no semiárido Pereira e Silva (2007, p. 190) fazem a seguinte descrição:

Nesse meio semi-árido, a atividade bioclimática é pouco intensa, há baixa umidade atmosférica e prevalência do intemperismo físico. Os solos são quase sempre de evolução mais fraca (solos jovens ou pouco evoluídos),

em geral de boa fertilidade natural, predominantemente rasos (menor que 50 cm de profundidade) e pouco profundos (de 50 a 100 cm), não raramente com presença de pedregosidade e afloramentos de rocha. (PEREIRA e SILVA, 2007, p. 190)

Ao pensar no semiárido é preciso ter um olhar mais abrangente para os elementos que compõem esta região, pois como foi relatado, esta é rica e diversa em condições físicas e naturais, mas também é constituída por uma diversidade humana que carrega consigo costumes, saberes e uma história que compõem sua cultura.

O que mais se destaca na cultura do povo que vive no semiárido é a sua fé, pois a cultura religiosa vem sendo pregada e vivida por essas pessoas durante toda sua existência. É notável a força do cristianismo, durante muito tempo representado pelo catolicismo, mas hoje em dia também identificada pelas igrejas protestantes.

A ocupação das áreas interioranas do Nordeste brasileiro foi impulsionada pela pecuária, pela necessidade de animais para abastecer as áreas açucareiras que se instalaram no litoral nordestino (SOUZA, 2007). As atividades que desencadearam a fundação das primeiras vilas e cidades do interior do Nordeste são bem semelhantes no decorrer da história, assim trago a citação de Souza (2007, p. 18) sobre essa fundação no Ceará que se aplica a todo o interior do Nordeste:

A fundação das primeiras vilas e cidades no Ceará tinha por objetivo implantar atividades administrativas, militar e religiosa, antes de atingir o nível de um centro de convergência da produção regional. As fazendas de gado deram origem a muitos povoados, vilas e, depois, as cidades. As primeiras vilas localizavam-se nas proximidades das margens dos rios, facilitando assim a obtenção de água e o aproveitamento dos solos férteis para as culturas de subsistência. (SOUZA, 2007, p. 18)

A Igreja se faz presente desde a fundação dos povoados nos séculos passados na região semiárida, pois ao olhar para a história é perceptível um costume comum e repetitivo na formação desses grupos de pessoas, pois quando iam formar uma vila ou povoado, até atingir a condição de cidade sempre tinha uma capela que depois poderia se transformar numa igreja de acordo com a demanda dos fiéis. Então a Igreja acabou sendo um apoio e uma base para as pessoas que vivem no semiárido, pois na fé eles encontraram uma “força” para sempre continuarem perante as dificuldades vivenciadas, principalmente em relação a escassez hídrica.

As pessoas que sempre viveram diante das dificuldades encontradas no semiárido acabaram por buscar e encontrar na cultura uma maneira de prosseguir e de eles mesmos contarem suas histórias de vida. Uma maneira bem característica deles se expressarem é a música, na qual se destaca o forró que é um ritmo que nasceu no Nordeste brasileiro, junto dessas pessoas que buscaram nesse ritmo uma maneira de expressarem suas alegrias que sempre se sobressaíram diante dos problemas. Ao se falar da música nordestina não se pode deixar de citar Luiz Gonzaga, que é conhecido até a atualidade como o Rei do Baião e é respeitado como um dos grandes nomes da música popular brasileira.

Atrelado à música está outro costume desse povo que é o de festejar, sempre que possível, colheitas, casamentos, batizados, aniversários, padroeiros, entre outros. É comum durante o ano a realização de festas para celebrar as colheitas da agricultura, celebrar os santos que eles tanto acreditam e veneram, tudo isso sempre com muita música. As festas dos padroeiros das pequenas cidades do interior é um costume que prevalece até os dias de hoje, sendo um momento de unir a celebração religiosa que acontece com missas e novenas, mas também dos shows realizados na cidade, que na sua maioria são do ritmo do forró. Malvezzi (2007, p. 32) fala um pouco sobre a resistência das festas na vida daqueles que vivem no semiárido:

Mas a festa resistiu. Qualquer fato é motivo: batizado, casamento, aniversário, padroeiro, dia de santo (principalmente, São João e Santo Antônio). Há festa quando um familiar parte e quando ele retorna. Até a “visita de cova”, que acontece no sétimo dia da morte, tem clima de festa. Após a visita, quando parentes e amigos se reúnem num gesto de reverência, a família oferece o que tem de melhor para os que vieram prestar solidariedade. (MALVEZZI, 2007, p. 32).

A cultura dessa região é bem diversa pelo que já foi visto e ainda existem diversos aspectos que compõem essa cultura que poderiam ser exemplificados, por exemplo, a culinária que é tão presente e característica desse povo que tem a fama de ser sempre “barriga cheia”, pois eles conseguem ter uma farta culinária com aquilo que eles plantam e criam em suas próprias terras, como a galinha caipira, a macaxeira que pode ser feita cozida e frita, o uso do jerimum em diversos pratos e também o uso do milho seja no bolo, na canjica ou em outros diversos pratos.

A poesia também sempre foi uma maneira de se expressar, encontrada pelas pessoas simples e muitas vezes sem escolaridade, que vivem no semiárido.

Um exemplo bem expressivo é a cultura do cordel que são livretos contendo pequenas poesias e algumas imagens que retratam temas pertinentes para a população que convive com a realidade do semiárido. Um grande representante dessa cultura é Patativa do Assaré, poeta Cearense que teve seu trabalho reconhecido e valorizado até os dias de hoje.

2.2 Ensino de Geografia e Semiárido: construção desse conceito no Ensino Médio

O Ensino Médio é um momento da educação no qual o adolescente está vivendo experiências específicas dessa fase da vida e se reconhecendo como cidadão numa sociedade plural e em movimento. Nesses termos, a Geografia é uma ciência que permite aos alunos nesse momento vivenciar debates e reflexões desse mundo no qual vivemos, fazemos parte e somos responsáveis por suas transformações.

É preciso ter uma compreensão ampla e aberta do papel do Ensino de Geografia no Ensino Médio para a formação desses adolescentes, jovens e futuros adultos, pois o ensino dessa disciplina acarreta um compilado de relações que extrapolam o espaço escolar e adentram aos espaços de vivência desses sujeitos, sejam os espaços de convivência social ou nos mais individuais e pessoais espaços.

A disciplina de Geografia na escola se apresenta como um espaço de construção de cidadania para os alunos presentes no Ensino Médio, mas essa construção deve acontecer de uma maneira interdisciplinar buscando na sua realidade elementos que complementem a cidadania construída, mas “o encaminhamento é mais complexo e vai desde o conteúdo em si até a relação pedagógica que se estabelece entre este conteúdo, o professor e o aluno” como destaca Callai (2001, p. 137).

As relações vivenciadas pela sociedade em contato com a natureza possibilitam a Geografia, tanto na via científica quanto na área do Ensino, a construção de conceitos, sendo assim, “a Geografia desenvolveu uma linguagem, um corpo conceitual que acabou por constituir-se numa linguagem geográfica” como afirma Cavalcanti (1998, p.88). Assim essa linguagem geográfica desempenha esse papel de levar estes alunos a um processo de construção da sua visão de mundo, em especial através de conceitos básicos e necessários nesse processo.

O objeto de estudo da Geografia continua sendo o espaço geográfico, que não se apresenta como algo estático e engessado, mas pelo contrário está sempre em movimento e transformação diante das relações que são estabelecidas e vivenciadas pelos sujeitos atuantes e transformadores do espaço geográfico. Perante essa realidade os professores de Geografia precisam estar sempre se questionando do que é e o que deve se tornar a ciência geográfica (CASTROGIOVANNI, 2007).

Construir um conceito em sala de aula requer dar espaço e voz para todos os sujeitos envolvidos nesse processo. Cada estudante e professor tem algo a acrescentar e algo a aprender, sendo assim, no Ensino de Geografia tanto o professor quanto os alunos podem e devem se colocar como sujeitos aprendizes, atuantes e importantes nessa construção. Nesse momento também deve ser levado em consideração não apenas a ciência geográfica, mas tudo aquilo que esses sujeitos trazem de bagagem de suas vidas, suas vivências cotidianas, enfim, suas representações sociais que lhes permitem ter uma compreensão de mundo, fundamental para a construção dos conceitos geográficos. Callai (2001, p. 137) afirma sobre os conteúdos trabalhados em Geografia que:

Os próprios conteúdos trabalhados deverão ter uma tríplice função, qual seja, resgatar o conhecimento produzido cientificamente, reconhecer e valorizar o conhecimento que cada um traz junto consigo, como resultado de sua própria vida, e dando um sentido social para este saber que resulta. (CALLAI, 2001, p. 137)

Ser professor de Geografia é uma construção permanente que perpassa desde a graduação até a formação contínua que deve perdurar durante todo o exercício da profissão. Essa construção coloca o sujeito professor em constante embate com aquilo que ele aprendeu na Universidade, aquilo que ele traz consigo de suas vivências e a realidade que ele encontra no espaço escolar. Diante desse embate o professor é sujeito a constantes momentos de escolhas durante sua atuação profissional nesse processo onde todos os sujeitos devem ser levados em consideração, Kaercher (2007) relata um pouco mais sobre essa realidade da docência

A docência implica também seu par dialético: aprender com os outros e despir-se do que se aprendeu para se reinventar na profissão, “raspar a tinta” com que nos pintaram para pensar nossa existência e refazer outras pinturas. A docência implica autoria, e ela requer sentimentos, emoções; é preciso “desencaixotar” emoções, ser – o que não é nada fácil – “eu

mesmo". Implica também um ato de cidadania: dizer sua palavra. (KAERCHER, 2007, p. 16).

A escola é um local de encontro e confronto entre diversas culturas: desde a cultura escolar que é aquela proposta de fora para dentro da escola, são os conteúdos propostos e organizados no currículo escolar; a cultura da escola, que é desenvolvida no cotidiano escolar entre as relações vivenciadas nesse cotidiano nesse espaço que é vivo e está sempre em movimento; e a cultura dos alunos e professores que são todas as vivências que esses sujeitos trazem pra dentro da escola e que se fazem presentes no processo de ensino e aprendizagem (CAVALCANTI, 2013). A Geografia também perpassa por estas três culturas e precisa ser compreendida e valorizada dentro de sala de aula, pois a Geografia vivenciada pelos alunos no seu cotidiano tem muito a favorecer o ensino e a aprendizagem em sala de aula, na construção dos conceitos geográficos e na formação cidadã destes alunos do Ensino Médio. A não atenção para esta Geografia vivenciada pelos alunos e que eles trazem para dentro da sala de aula podem ter consequências negativas no processo de aprendizagem da disciplina, como é colocado por Resende (2009, p. 84):

A consequência dessa des-historização não podia ser outra: o aluno não participa do espaço geográfico que estuda. Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica torna-se alheia a ele. (RESENDE, 2009, p. 84)

Uma das realidades presentes no espaço escolar do Ensino Médio é o perfil dos adolescentes que chega a essa etapa do ensino básico, onde esse perfil está se apresentando em mudança cada vez mais rápida. É possível perceber no decorrer da história da educação como esses alunos sempre tiveram suas especificidades e como estas mudaram ao decorrer do tempo, mas na atualidade contemporânea na qual vivemos é reconhecível uma aceleração desta mudança diante do avanço tecnológico.

O adolescente que chega ao Ensino Médio atualmente traz consigo uma carga emocional pesada e diferente do que se estava acostumado há umas décadas, pois atualmente estão vivenciando realidades familiares difíceis e problemáticas que até era presente anteriormente, como a presença da criminalidade, do alcoolismo e do abuso no meio familiar, mas a diferença está no fato de que hoje se discute um pouco mais esses problemas familiares que afligem

estes sujeitos fazendo com que estes problemas se apresentem mais transparentes nos seus comportamentos no espaço escolar. Essa é apenas uma das realidades das quais eles estão sujeitos a vivenciar e que influenciam nessa mudança comportamental, outros exemplos são o amadurecimento precoce onde a correria da vida contemporânea os obriga a avançar etapas, a sexualidade que está sendo vivenciada cada vez mais cedo e muitas vezes sem um acompanhamento necessário para guiá-los nesse momento da vida, o contato e a discussão com as diferenças que são presentes na sociedade desde sempre e que chega até a escola.

É preciso olhar para este jovem que chega ao Ensino Médio a partir de uma percepção mais ampla da sua cultura que ele traz consigo para o espaço escolar, pois existe uma cultura juvenil que está presente na escola e que é construída fora dela, mas por acabar adentrando seus espaços se torna sujeito essencial na construção da cultura presentes no espaço escolar (CARRANO, 2008).

2.2.1 Documentos oficiais na construção do conceito de Semiárido no Ensino Médio

A Lei nº 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB) é a principal lei brasileira relacionada a educação, que assegura diversos direitos e deveres tanto para as instituições que são responsáveis pela educação quanto para as escolas, como também para o aluno, principal sujeito a ser assegurado por essa lei. No artigo 35 está assegurado que o Ensino Médio tem as seguintes finalidades:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996).

O inciso primeiro do artigo trinta e cinco da LDB coloca a primeira finalidade no Ensino Médio como a consolidação daquilo que foi aprendido durante o Ensino Fundamental, então diante disso se entende que o aluno que chega a esta

última etapa da educação básica precisa ter visto na etapa anterior na disciplina de Geografia, pelo menos de uma maneira menos aprofundada, aquilo que deve ser ensinado nessa nova etapa.

A construção de conceitos geográficos no Ensino Médio deve acontecer com o auxílio de um embasamento adquirido no Ensino Fundamental, mas a realidade da maioria dos alunos que chega a essa etapa escolar, não condiz com essa que deveria acontecer, pois muitas vezes eles chegam com uma defasagem de conteúdos e conceitos básicos da disciplina, ocasionada por problemas diversos como, por exemplo: ter realizado o Ensino Fundamental em uma escola precária, pouco tempo para se dedicar aos estudos porque precisavam trabalhar, enfim, os problemas são vários não sendo este o principal foco desta pesquisa, mas é preciso destacar essa realidade que o professor encontra.

Os incisos que seguem no artigo citado acima relatam as outras finalidades do Ensino Médio, onde o adolescente que passa por essa etapa deve ser preparado para o contato com o mercado de trabalho e o contato social nesse ambiente futuro que é bem vasto e plural, também a questão ética deve ser valorizada na educação destes adolescentes os possibilitando uma autonomia e a construção de um pensamento crítico e essas finalidades são possíveis pela relação teoria e prática no espaço escolar, inclusive no Ensino de Geografia onde é necessário estruturar os conteúdos com base nos conceitos e com a realidade do cotidiano dos alunos, de uma maneira que o processo de ensino e aprendizagem aconteça sempre trazendo esses alunos para o mais próximo possível da Geografia que acontece diariamente em suas vivências.

O ensino do conteúdo Semiárido na disciplina de Geografia precisa ter a atenção necessária diante dessa demanda do Ensino Médio, para que os alunos possam ter esse contato com uma realidade tão próxima e que está intrinsecamente relacionado com seu cotidiano e que essa aproximação no Ensino de Geografia os permita ter uma opinião crítica perante as relações estabelecidas entre essa região e suas realidades numa grande metrópole como Fortaleza.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) surgiram com a intenção de ser uma referência para a construção dos currículos escolares, sejam nos níveis Nacionais, Estaduais ou Municipais, sendo organizado nas etapas educacionais do Ensino Fundamental e Médio. Os PCN para o Ensino Médio fazem uma observação

acerca do objetivo dos conteúdos geográficos dentro do espaço escolar na formação dos alunos, afirmando que:

O objetivo principal destes conhecimentos é contribuir para o entendimento do mundo atual, da apropriação dos lugares realizada pelos homens, pois é através da organização do espaço que eles dão sentido aos arranjos econômicos e aos valores sociais e culturais construídos historicamente. (BRASIL, 2000).

Essa afirmação sustenta a discussão que vem sendo proposta neste trabalho, acerca da necessidade de se abordar no Ensino Médio uma discussão mais aprofundada do Semiárido, das pessoas que nele vivem e de sua importância cultural e social em diversas escalas, desde o local, passando pelo regional e nacional, chegando ao global de acordo com as relações estabelecidas com o mercado exterior.

Essa abordagem se faz necessária para que o aluno possa fazer uma análise do espaço por completo, levando em consideração todos os sujeitos presentes no processo de construção e transformação deste espaço geográfico, como é destacado nos PCN. Brasil (2000, p. 30) destaca que “no Ensino Médio, o aluno deve construir competências que permitam a análise do real, revelando as causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade”.

Os PCN para o Ensino Médio ainda atribuem à Geografia o papel de possibilitar ao aluno dessa etapa estudantil que está se constituindo cidadão também no espaço escolar, que ele encontre o seu lugar no mundo através da criticidade a tudo aquilo que está ao seu redor e que ele está inserido ao mesmo tempo, destacando a seguinte contribuição:

tornar-se sujeito do processo ensino-aprendizagem para se descobrir convivendo em escala local, regional, nacional e global. A autonomia que a identidade do cidadão confere é necessária para expressar sua responsabilidade com o seu “lugar-mundo”, através de sua identidade territorial. (BRASIL, 2000).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento homologado no ano de 2017 e que tem como papel definir de uma maneira orgânica as aprendizagens necessárias para os alunos durante todas as etapas da Educação Básica. Assim ela serve de referência para a formulação dos currículos da rede

escolar dos Estados, Distrito Federal e dos Municípios, servindo como um alinhamento na educação numa abrangência nacional.

A BNCC coloca como papel das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio, onde está inclusa a disciplina de Geografia, o espaço de discussões para que o sujeito presente nessa etapa estudantil possa se construir e desconstruir tanto no espaço escolar como no espaço social no qual está inserido. Tendo como desafio possibilitar a estes estudantes espaços de diálogo para se entender com o seu Eu e o Outro e como cada um faz parte do todo social.

O aluno que passa pelo Ensino Médio deve perceber as diferenças e semelhanças entre os indivíduos e grupos sociais que compõem a sociedade na qual todos fazemos parte. É preciso ter um olhar e compreensão que vão além do seu espaço individual e da sua realidade, buscando sempre enxergar o que está além no espaço do outro. A BNCC faz a seguinte afirmação acerca dessa compreensão das diferenças no mundo que os alunos precisam desenvolver:

Procurar identificar essas diferenças e semelhanças tanto em seu grupo social (familiar, escolar, bairro, cidade, país, etnia, religião etc.) quanto em outros povos e sociedades constitui uma aprendizagem a ser garantida aos estudantes na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Afinal, o exercício de deslocamento para outros pontos de vista é central para a formação das juventudes no Ensino Médio, na medida em que ajuda a superar posturas baseadas na reiteração das referências de seu próprio grupo para avaliar os demais. (BRASIL, 2017).

Buscar no Ensino de Geografia fazer uma abordagem mais ampla do Semiárido tem justamente essa função de proporcionar aos alunos um contato mais próximo e crítico com realidades que vão além daquilo que eles estão acostumados a viverem em seus cotidianos, mas que são realidades que de alguma maneira podem estar conectadas com as suas. Então os alunos que fazem essa reflexão através da Geografia se permitem ter um olhar de fora de várias realidades, não tendo como base apenas aquilo vivenciado pelo seu grupo social.

Essa capacidade de olhar para o Outro em diversas situações é possível diante do olhar para Si nessa construção do conhecimento, pois é necessário sempre estar em construção de uma reflexão e criticidade do indivíduo e da sociedade, se utilizando da Geografia como espaço de discussão e formação.

A BNCC divide dentro de cada área de estudo suas competências específicas e faz uma subdivisão dentro destas das habilidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos no Ensino Médio. Dentro da Competência Específica 1

existe a Habilidade EM13CHS104 (2000) que descreve a seguinte habilidade “analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço”. Essa Habilidade dá suporte à discussão que vem sendo feita nesse trabalho, da importância de se trabalhar de uma maneira mais ampla e aprofundada a questão do Semiárido no Ensino Médio.

A Competência Específica 5 traz o seguinte objetivo “reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos”. Demonstrando o papel da escola, das Ciências Humanas e conseqüentemente da Geografia em se colocarem constantemente no cotidiano do aluno em postura de combate às desigualdades e violências que chegam até esses alunos, mas também aqueles que estão presentes em realidades distantes deles, mas que de alguma forma estão interligadas como é o caso da realidade da região semiárida brasileira.

3 O OLHAR DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA PARA O SEMIÁRIDO: DIFICULDADES A SEREM VENCIDAS

Este capítulo traz em seu conteúdo uma discussão acerca do papel do professor no Ensino de Geografia no Ensino Médio e como ele aborda os conteúdos geográficos propostos para essa fase da educação básica, por exemplo, a discussão do semiárido.

O professor chega ao exercício de sua função como educador cheio de “obrigações” que são postas seja pelo currículo, pela escola, por autores da educação e até mesmo pela sociedade. Mas é preciso se fazer uma análise do papel do professor em sala de aula e no espaço escolar, pois no processo de ensino e aprendizagem ele desempenha um papel fundamental e tudo que ele traz consigo para esse processo deve ser levado em consideração, desde sua formação acadêmica até suas vivências pessoais.

Uma fonte de informação para a discussão deste capítulo foi a entrevista realizada com o professor de Geografia supervisor do meu estágio IV e as informações adquiridas através da observação de suas aulas. Também foi realizada uma análise do livro didático utilizado pela escola para o 1º ano, no qual está presente o conteúdo pesquisado em questão.

3.1 O professor de Geografia entre a teoria e a realidade

O professor de Geografia ao chegar no espaço escolar encontra uma realidade que vai além daquilo que ele aprendeu durante sua formação na Universidade, pois a complexidade do espaço escolar extrapola aquilo escrito pelos autores, debatido durante a graduação e até vivenciado nos estágios supervisionados. Então é preciso continuar na tentativa de se compreender qual o papel desse professor que chega até a escola e se depara com diversas realidades possíveis, para se estabelecer uma discussão que o ajude em sua formação para vivenciar tais espaços e realidades.

Para realizar uma discussão sobre esse papel do professor de Geografia no Ensino Médio, o ensino de conteúdos como é o caso do semiárido e a realidade do espaço escolar farei uso das respostas dadas pelo professor de Geografia da

escola a entrevista realizada (APÊNDICE A) junto daquilo apresentado por autores que tratam do assunto.

Para se entender o papel do professor de Geografia na formação dos alunos do Ensino Médio, o primeiro passo é buscar compreender o papel da Geografia nessa etapa escolar. Em alguns casos pela realidade encontrada em diversas escolas “atualmente a maioria dos professores não consegue perceber a qual interesse está ligada a forma de estruturação do conhecimento veiculado nas aulas, nos livros, nos textos utilizados” assim é destacado por Callai (2001, p. 139).

Partindo da discussão já realizada no capítulo anterior sobre o Ensino de Geografia no Ensino Médio e para trazer o professor de Geografia supervisor para tal discussão lhe foi perguntado qual importância do Ensino de Geografia para o Ensino Médio? Onde ele respondeu:

O ensino de Geografia é de fundamental importância para o nível médio, uma vez que possibilita aos alunos uma compreensão dos processos naturais e sociais ocorridos na sociedade, levando-os a se reconhecerem numa relação sociedade-natureza, constituinte do espaço geográfico. Acrescento que a Geografia promove a decodificação de arranjos espaciais, favorecendo a formação de sujeitos ativos e comprometidos por uma transformação social, base para o exercício da cidadania. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA, 2018).

É possível perceber que ele entende a importância dessa disciplina dentro do Ensino Médio, todo o seu papel social para a vida dos alunos e sua construção crítica de visão do mundo.

O espaço escolar do Ensino Médio é repleto de dificuldades que o professor enfrenta diariamente e precisa contorná-las para desempenhar seu papel de educador, diante dessas dificuldades ele deve encontrar espaço e apoio para criar e agir da maneira que perceber necessário para alcançar seus objetivos como é afirmado por Callai (2001, p. 135)

O que não pode acontecer é se impedir o professor de pensar alternativas, de escolher ou de criar. Vai depender das suas condições, que aliás são um tanto precárias pela própria formação acadêmica que tiveram num momento da história brasileira em que se recebia tudo pronto para não se correr o risco de tentar alternativas que não interessassem. (CALLAI, 2001, p. 135).

Durante minhas observações em sala de aula e do espaço escolar pude identificar algumas realidades que dificultam o trabalho do professor, a que mais me chamou a atenção foi o desinteresse dos alunos para a aula como num geral, como uma falta de motivo da parte deles para estudar. Ao ser questionado quais as

dificuldades que o professor de Geografia encontra na realidade do Ensino Médio ele foi enfático na seguinte resposta:

O reconhecimento por parte do aluno da importância da Geografia como disciplina; o desinteresse e a desmotivação de muitos alunos; a questão estrutural de algumas escolas; a falta de instrumentos e/ou laboratórios de Ciências Humanas para aulas práticas; o elevado número de turmas que dificulta a realização de atividades práticas e interdisciplinares. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA, 2018).

Ao fazer uma comparação com aquilo que pude observar nas aulas do professor e aquilo que vivi há alguns anos na época do meu Ensino Médio, já é o necessário para perceber essa dificuldade que já existia lá atrás, mas que se apresenta de uma maneira mais exacerbada atualmente, pois o desinteresse dos alunos não só pela Geografia, mas pela escola em si é reconhecível em comportamentos diários.

A questão da falta de estrutura das escolas é uma pauta em discussão há muito tempo, pois existem diversas realidades gritantes de estruturas precárias as quais alunos e professores são sujeitos a vivenciarem para que a educação aconteça. Um ponto levantado pelo professor que também é muito pertinente é a falta de laboratórios de Ciências Humanas nas escolas, algo que se existisse ocasionaria uma grande transformação no ensino e aprendizagem dos alunos, pois os permitiriam ter um contato mais próximo com a Geografia e os ajudariam na área da pesquisa geográfica que poderia acontecer na escola.

A escola pesquisada se diferencia da realidade precária existente em uma parcela das escolas públicas, pois têm uma estrutura física bem agradável, presença de laboratórios da área de Ciências da Natureza e Linguagens e Códigos, mas também existem problemas como um grande número de alunos por turma que acabam dificultando a execução de atividades mais práticas que poderiam ser propostas pelo professor.

O professor de Geografia coloca como ações para amenizar esses problemas justamente essa questão do número de alunos por turma e a construção de espaços voltados para a Geografia na escola, como laboratórios e projetos que aproximasse os alunos da disciplina. Perante a pergunta sobre o que poderia ser feito para amenizar estes problemas ele deu a seguinte resposta:

Um menor número de alunos por salas e menor número de turmas para o professor. Projetos e atividades ligados à Geografia, bem como

investimentos para criação de laboratórios. Melhorar a estrutura das escolas e fornecer subsídios para atividades como aulas de campo. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA, 2018).

Quando se olha para o turbilhão de emoções e histórias que é o espaço escolar se encontra uma diversidade de alunos que chegam até a escola muitas vezes sem uma motivação para ali estar e acabam se tornando um “problema” no processo do qual ele deve ser protagonista.

Essa realidade de alunos desinteressados, com problemas externos que chegam até a escola já faz parte do cenário atual vivenciado na vida escolar, com isso os professores precisam agir perante esses problemas que afetam diretamente o processo de ensino e aprendizagem, eles precisam tirar os alunos do local que muitas vezes eles acreditam que são seus, esse local de problemáticos e desinteressados pela escola. Costella (2007, p. 50) destaca que:

O professor deve solicitar aos alunos a aplicabilidade e a substituição de esquemas já construídos, ampliando as construções e provocando reflexões. É interessante incentivar um pensamento autônomo e significativo, que desperte o desafio e a satisfação do saber que vem da construção. (COSTELLA, 2007, p. 50).

Os alunos que chegam até o Ensino Médio que muitas vezes são tidos como problemáticos e acabam atrapalhando o andamento da aula planejada, às vezes só precisam desse incentivo que pode ser dado pelo professor. Perante essa necessidade que é suscitada na escola o professor acaba tendo que desempenhar um papel às vezes de psicólogo mesmo não tendo formação para isso, pois é preciso ter uma sensibilidade em meio a enxurrada de afazeres na escola para enxergar esses alunos e perceber o que pode ser feito. Às vezes uma atenção já ajuda muito, que pode acontecer dando alguma responsabilidade para o aluno durante a aula, fazer questionamentos que o tire da sua zona de conforto ou até mesmo ter uma conversa para tentar entendê-lo.

Ao ser perguntado qual o perfil de aluno ele vê chegar no Ensino Médio atualmente o professor de Geografia deu a seguinte resposta:

São alunos que apresentam problemas de aprendizagem quanto aos conceitos básicos da Geografia, bem como de outras disciplinas. Em geral, possuem um “horizonte geográfico” bastante reduzido, o que dificulta o trabalho com fenômenos em escalas regionais. Em geral, solicitam aulas “dinâmicas e diferentes”, mas nem sempre participam quando estas são propostas. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA, 2018).

O baixo nível de aprendizagem dos alunos do Ensino Médio, relacionado aos conceitos geográficos, vem sendo identificado desde o Ensino Fundamental. O professor de Geografia relata que isso faz parte dessa realidade, mas também o professor aponta que é necessário agir, caso contrário esse atraso vai apenas se alastrando durante a formação do aluno. Acaba ficando apenas para o professor o papel de solucionar esse problema que também dificulta a aplicação de tudo aquilo que ele tem planejado, pois ao apresentar os conteúdos programados para o ano letivo do Ensino Médio vai percebendo como os alunos apresentam dificuldades para acompanhar por causa dessa defasagem trazida do Ensino Fundamental.

Diante dessas dificuldades o processo de construção de conceitos geográficos durante as aulas necessita de uma atenção e práticas específicas desempenhadas pelo professor de Geografia, para que seja possível para os alunos superar essa defasagem e construir conceitos básicos que são necessários para sua formação. Nesse momento o professor precisa começar de uma área mais superficial em direção a uma área mais profunda para a construção dos conceitos, buscando no cotidiano dos alunos exemplos que sirvam de embasamento para a discussão em sala de aula e assim possa acontecer a aprendizagem.

Além do currículo proposto para o Ensino Médio que determina conteúdos que devem ser ensinados durante esse período, existem conteúdos que acabam ficando de fora desse currículo ou ganhando pouco espaço para discussão e então é preciso estar atento para os momentos e conteúdos que precisam ser trabalhados em sala de aula para a melhor formação do aluno. Ao professor de Geografia supervisor foi perguntado se ele achava importante se trabalhar estes conteúdos que não são tão aprofundados no currículo, como é o caso do Semiárido e ele assim respondeu:

Sim, alguns conteúdos do chamado “currículo oculto” são importantes de serem trabalhados. No entanto, em virtude de prazos e planejamentos coletivos da escola fica um pouco complicado trabalhar de forma mais pontual e individualizada. O conteúdo do semiárido em geral, é trabalhado no 1º ano, em meio às questões climáticas. Nas demais séries, ele é assunto necessário para compreensão de outras temáticas e resolução de questões. Faz-se necessária a realização de projetos que abordem esses conteúdos, inclusive em escalas locais e regionais. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA, 2018).

Na sua resposta percebemos um impasse que já é de costume se ver na realidade escolar, onde o professor reconhece a necessidade de se trabalhar os

conteúdos de uma maneira mais abrangente e que enriqueça a formação dos alunos, mas reconhece a falta de tempo durante o ano letivo diante do currículo que apresenta os conteúdos que precisam ser dados, muitas vezes a cobrança que se tem para que os alunos tenham boas notas e se saiam bem em exames externos e nessa correria de sempre cumprir prazos e metas que se transforma a escola essa necessidade de se trabalhar certos conteúdos vai sendo deixada de lado.

Quando perguntado sobre quais dificuldades ele encontra para trabalhar estes conteúdos ele foi enfático em destacar a questão do tempo afirmando que “o tempo destinado para as aulas é quase que totalmente utilizado para os conteúdos pré-definidos, nem sempre sendo possível abordar outras temáticas que não se encontram no planejamento bimestral e/ou anual” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA, 2018).

Essa visão de se trabalhar sempre com base em conteúdos que precisam ser dados e cobrados em sala de aula, vem carregada de uma perspectiva da Geografia Tradicional, que tem como maior preocupação a transmissão do conhecimento, mas é preciso reconhecer que existe uma nova Geografia que se preocupa com a formação crítica e autônoma dos alunos diante das relações existentes entre natureza e sociedade “e antes que alguém diga que para o professor essa nova geografia é muito difícil, uma boa resposta é assinalar que difícil, ou melhor impossível é dar conta da realidade com o instrumental que os professores de Geografia possuíam” (OLIVA, 1999, p. 45).

O mundo pós-moderno no qual vivemos reflete nessa realidade dentro da escola, onde tudo parece mais acelerado, desde os alunos e as expressões de seus sentimentos, os professores que estão carregados de obrigações que precisam ser cuidadas e realizadas quase que ao mesmo tempo, as ações da coordenação que acaba tendo que controlar para que tudo continue acontecendo sem sair do eixo, então essa aceleração gera uma crise dentro do espaço escolar contemporâneo (SOARES, 2006).

Diante desse cenário contemporâneo da escola, o professor ainda carrega consigo grandes responsabilidades que são impostas a ele por diversos sujeitos desse processo da educação, mas é preciso entender que ele não pode ser o único a ter essa grande responsabilidade, pois se faz necessário um trabalho conjunto entre o professor, a coordenação da escola, os próprios alunos para que

aconteça uma aprendizagem desses conteúdos que vão além dos pré-definidos e são importantes na formação dos alunos no Ensino Médio.

3.2 Livro Didático: até que ponto ele é um aliado?

Ao se discutir o papel do Livro Didático no processo de ensino e aprendizagem é preciso se pensar o espaço escolar e suas relações de poder e dominação estabelecidas com sujeitos externos e internos deste espaço que tem como foco os alunos que fazem parte da grande massa da sociedade.

Não podemos ser ingênuos em pensar que no espaço escolar se tem apenas o grande objetivo de ensinar aos alunos conteúdos que ajudarão na sua formação, pois no decorrer da história existem várias realidades de poder e economia que influenciaram como iria acontecer o ensino e a aprendizagem na escola. Muitas vezes o que deveria ser ensinado era imposto a escola de uma maneira como uma verdade absoluta em que o professor deveria apenas reproduzir e os alunos assimilar sem poder haver nenhuma contradição e resquícios dessa realidade ainda se fazem presentes no espaço escolar contemporâneo.

O Livro Didático é posto no processo de ensino e aprendizagem como um suporte para favorecer e enriquecer esse processo, Choppin (2004) vai citar quatro funções do Livro Didático entendendo que essas podem diferir diante das realidades socioculturais estudadas. A primeira é a função referencial, onde “ele constitui o suporte privilegiado dos conteúdos educativos, o depositário dos conhecimentos, técnicas ou habilidades que um grupo social acredita que seja necessário transmitir às novas gerações” (CHOPPIN, 2004, p. 553). Nessa função ele destaca o espaço nos livros para os conteúdos que ajudarão na formação dos alunos, que servem de referência tanto para o professor no desenvolver das suas aulas e para os alunos na construção dos conhecimentos.

Já a segunda função é a instrumental, na qual “o livro didático põe em prática métodos de aprendizagem, propõe exercícios ou atividades que, segundo o contexto, visam a facilitar a memorização dos conhecimentos, favorecer a aquisição de competências disciplinares ou transversais” (CHOPPIN, 2004, p. 553). É perceptível ao se analisar na história a relação do professor com o livro didático que ele acaba desempenhando essa função de única fonte de questões e atividades que possam ser úteis na aprendizagem dos alunos, mas atualmente junto de diversas

discussões fica evidente que ele não deve ser a única fonte para esse momento da aula que são as atividades.

A função ideológica e cultural coloca que o livro didático “se afirmou como um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes. Instrumento privilegiado de construção de identidade, [...] como um símbolo da soberania nacional” (CHOPPIN, 2004, p. 553). Como inicialmente foi abordado nesse tópico é preciso enxergar o Livro Didático com sua função de perpassar uma ideologia que vem daqueles que detém o poder e querem escolher o que será ensinado na escola.

A quarta e última função é a documental que “acredita-se que o livro didático pode fornecer, sem que sua leitura seja dirigida, um conjunto de documentos, textuais ou icônicos, cuja observação ou confrontação podem vir a desenvolver o espírito crítico do aluno” (CHOPPIN, 2004, p. 553). Percebendo o Livro Didático como esse apoio para o andamento da aula do professor, ele é colocado com essa função de auxiliar na tentativa do desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos fazendo uso de documentos que favoreçam o debate.

O professor não deve ter o Livro Didático como sua única fonte de pesquisa e embasamento para a aula, pois ele precisa o compreender como estando a seu serviço e da turma para o processo de aprendizagem (VESENTINI, 2009). O professor de Geografia supervisor ao ser perguntando sobre o Livro Didático utilizado na escola e o conteúdo do Semiárido ele respondeu que:

Acredito que o livro atual aborda de maneira muito sucinta a temática do semiárido. É necessário que o professor contextualize trazendo elementos da realidade dos alunos que, embora vivenciem a realidade de Fortaleza, possuem familiares no interior do Estado e assim podem teorizar uma realidade que conhecem mesmo que distante geograficamente. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA, 2018).

Ele reconhece que no Livro Didático não encontra todo o material necessário para se trabalhar o conteúdo do Semiárido de uma maneira mais aprofundada e que acaba fazendo uso de outras fontes para se trabalhar este tipo de assunto, como as realidades vivenciadas pelos alunos e que podem contribuir para a discussão. Percebe-se que ele não coloca o Livro Didático como única fonte dos assuntos abordados em sala de aula, mas também é perceptível que o livro deixa a desejar nesse conteúdo, por isso irei fazer uma análise do Livro Didático de Geografia utilizado pela turma do 1º ano do Ensino Médio na escola pesquisada.

Para se realizar essa avaliação foi utilizado um roteiro de avaliação do Livro Didático, que traz perguntas pertinentes relacionadas a todas as áreas do livro, desde a metodologia, os conceitos básicos e atividades e ilustrações.

O livro analisado foi o Geografia Geral e do Brasil: Espaço geográfico e globalização do 1º ano do Ensino Médio, dos autores João Carlos Moreira e Eustáquio de Sene, ele faz parte do triênio 2018-2019 proposto pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Na busca de realizar uma análise do conteúdo do Semiárido neste livro foi possível encontrá-lo sendo abordado na Unidade 2: Geografia Física e Meio Ambiente, no Capítulo 8: Climas, no tópico 4: Tipos de clima, onde é feita uma caracterização acerca dos climas presentes em nosso planeta fazendo uso de um mapa Mundi que faz uma adaptação da classificação de Köppen. Nessa classificação geral do planeta aparece o clima Semiárido com sua representação em várias partes do mundo, inclusive no Nordeste do Brasil, sendo apresentado um pequeno parágrafo que mostra algumas características desse clima.

No tópico seguinte, 5 Climas do Brasil, o Semiárido também aparece no mapa do Brasil que mostra os climas presentes no país e também no mapa referente as unidades climáticas do Brasil. Esse tópico não apresenta nenhum texto sobre os climas do país inclusive do Semiárido, apresenta os mapas e nos textos falam sobre as Massas de Ar que atuam no país.

Em todo o livro o único espaço dedicado ao Semiárido é nesses dois tópicos citados a cima, que o colocam apenas perante suas características climáticas, sem levar em consideração as outras características naturais e humanas que estão relacionadas com essa região climática do nosso país.

Outros aspectos que fazem parte da região semiárida estão presentes nesse Livro Didático e fazem parte dos conteúdos destinados ao 1º ano do Ensino Médio, então busquei entender como esses outros aspectos são apresentados e se é feita uma relação com o Semiárido em suas abordagens.

O primeiro conteúdo que pode ser analisado é a Geologia do Brasil, onde no capítulo 5: Estrutura geológica é dedicado um espaço para as províncias geológicas e no mapa que faz a representação destas províncias é possível identificar quais províncias fazem parte da região semiárida do país, durante o texto não é feita essa ligação para com nenhuma região, mas é um momento possível

para ser feita durante a explicação do conteúdo tentando fazer essa ligação entre a Geologia com os outros aspectos do Semiárido.

Ao tratar da Geomorfologia no livro logo no início da apresentação do assunto é apresentada uma imagem do cânion do Rio São Francisco, sendo utilizado como um exemplo das diversas fisionomias da paisagem perante o relevo. Também é possível encontrar uma imagem da Chapada Diamantina (BA) retratando uma das formas de relevo que encontramos no Brasil e no caso desse exemplo na área semiárida. Ao tratar da forma de relevo *Inselberg* no livro é apresentada uma imagem de um *inselberg* em Buíque (PE) e no texto fica bem claro que esta é uma forma de relevo presente em regiões semiáridas.

Quando é apresentado o conteúdo sobre solos no livro não são elencados os tipos de solos presentes no Brasil, sendo assim, nem os presentes na região semiárida, representando uma falta que poderia ser um momento de discussão sobre os solos presentes nessa área com embasamento no livro.

Na segunda página do livro que compõe o capítulo 10: Hidrografia é apresentado uma imagem de um carro de boi transportando água no município de Monteiro (PB) que está presente no clima semiárido, fazendo essa ligação da relação com a água que existe na região, sempre atrelado a uma imagem de falta d'água e dificuldades para se ter acesso a ela. Já quando se fala das Bacias Hidrográficas do país tem-se o espaço dedicado a Bacia do rio São Francisco, apresentando sua importância para a irrigação, navegação e geração de energia.

Sobre a vegetação Caatinga é abordado no tópico Biomas e formas vegetais no Brasil, no espaço dedicado para essa vegetação presente no semiárido brasileiro o livro faz uma descrição técnica dos aspectos dessa vegetação e faz uso de uma imagem que a representa no período de seca, quando a vegetação está sem folhas.

Um tema bem específico do semiárido que é abordado no livro é a Desertificação no Brasil, que tem suas áreas principais susceptíveis no Nordeste e numa parte de Minas Gerais, área definida como o semiárido brasileiro. O texto aborda as características que definem uma área susceptível a desertificação e as consequências das ações humanas para o desenvolvimento destas áreas.

Após realizar uma descrição do que pode ser encontrado no Livro Didático, sobre cada assunto relacionado ao semiárido brasileiro, é possível fazer uma avaliação geral do livro fazendo uso dos aspectos destacados no roteiro de

avaliação referenciado. Sobre esses assuntos de forma geral percebo que a abordagem no livro acontece de uma maneira superficial, pois o momento que é mais debruçado o assunto do semiárido acontece na parte de clima em um parágrafo e dois mapas. Não existe uma discussão mais aprofundada acerca dos conceitos básicos e informações que são necessárias para se trabalhar cada assunto analisado acima.

Das ilustrações encontradas sobre o assunto é perceptível que perante a quantidade de conteúdos e exemplos possíveis no livro encontramos exemplos pertinentes de paisagens do semiárido que ajudam na discussão dos conteúdos e mapas também que auxiliam no desenvolver da aula, de todas as ilustrações apenas uma retrata um semiárido sofrido na sua relação com a água.

O assunto do semiárido é pertinente para discussões que contribuam para desenvolver noções de cidadania, principalmente para os alunos que estão no Ensino Médio e ao analisar o Livro Didático percebi que ele não dá artifícios para que aconteçam essas discussões. Esse problema está atrelado a principal dificuldade que percebi nessa avaliação, que os conteúdos do semiárido são apresentados apenas da ótica da Geografia Física, sem tentar fazer uma relação com a parte Humana dessa região, como se fosse possível separar por total essas duas partes.

Diante dessa avaliação reconheço que muitos aspectos poderiam ser melhorados na estruturação dos conteúdos do livro para que a discussão dos conteúdos pudesse acontecer de uma maneira que favorecesse o aprendizado dos alunos. Diante dessa realidade faço uma relação com o que o professor de Geografia supervisor relatou sobre o livro didático citado mais acima que se assemelha com o que Vesentini (2009, p. 167) fala sobre o uso do livro didático pelo professor:

Ao invés de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele (assim como em textos alternativos, em *slides* ou filmes, em obras paradidáticas etc.) tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa a integrar criticamente o educando ao mundo. (VESENTINI, 2009, p. 167)

Em específico para se trabalhar o conteúdo do Semiárido o professor de Geografia precisa fazer uso de outras ferramentas que o auxiliem nas diversas discussões acerca desse conteúdo e sempre na tentativa de se fazer as ligações entre os aspectos físicos e humanos dessa região.

4 O JOVEM URBANO E O ESTUDO DO SEMIÁRIDO: VISÕES E PERCEPÇÕES DE UM CONCEITO

Atualmente, o aluno que chega ao Ensino Médio a uma escola localizada numa grande metrópole como Fortaleza, traz consigo diversas realidades e vivências que acabam caracterizando seus costumes e comportamentos dentro do espaço escolar. As realidades presentes em uma grande cidade relacionadas, principalmente nos dias atuais, a violência acabam influenciando o perfil da juventude que se constrói a cada dia e são eles que se fazem reveladas na escola e formam a imagem dos alunos do Ensino Médio.

Ao pensar sobre esse jovem contemporâneo é necessário buscar fazer uma análise das transformações pelas quais ele passou no decorrer da história dos últimos anos. O mundo está sempre em movimento e as transformações são uma realidade, sendo assim, os jovens, o espaço escolar, as relações entre a sociedade e a natureza, por consequência também mudam. O grande sujeito transformador do milênio é a relação entre o avanço tecnológico e a globalização, pois é perceptível como os laços entre as pessoas estão sendo estreitados e mais dinâmicos tornando possível o contato com diversos “mundos” sem sair da sua cidade e isso acaba desencadeando no perfil dos jovens que vão se construindo como sujeitos pertencentes da sociedade juntos desse avanço.

Grandes cidades se tornaram um espaço efervescente dessas grandes transformações sociais que vivemos atualmente, então o jovem que vive nessas grandes cidades como é o caso de Fortaleza, acabam que tendo contato com vivências que se apresentam cada vez mais cedo e mais rápido em suas vidas. Uma realidade presente nesses espaços que chegam a vida desses jovens cada vez mais cedo é a questão da violência, a relação que a nossa sociedade construiu com os sujeitos criminosos, o ato de roubar e matar, a violência em diversos âmbitos que está presente na cidade, no bairro, na casa dos vizinhos, na televisão e até mesmo na sua própria residência, fazendo com que eles sejam como que obrigados a dissolverem diversas situações que vivem por causa dessa realidade.

As relações que o jovem estabelece com sua família sempre reverberaram em seus comportamentos, inclusive no espaço escolar, e nos dias atuais é notório como as diversas realidades familiares acabam que influenciando o perfil desse jovem que chega ao espaço escolar. Seja a realidade de crescer com

pais separados, serem criados pela avó ou um outro parente, nunca ter conhecido o pai ou ter o seu pai preso, tudo isso acaba formando a personalidade desses jovens. Muitas vezes percebemos um jovem que tem características mais agressivas, tendo dificuldades de expor seus sentimentos ou fragilidades buscando sempre se mostrar de uma forma mais rígida.

No período da adolescência para a juventude é um momento cheio de descobertas acerca da sexualidade e das relações com o outro, dos relacionamentos e primeiras experiências sexuais. Nos últimos anos é notório ser cada vez mais cedo estas experiências que acabam também desencadeando em vivências que se tornaram cada vez mais comum, como é o caso da gravidez na adolescência. Nessa realidade sabemos que quem acaba sofrendo as consequências mais bruscas são as meninas, que muitas vezes não recebem nenhum apoio do parceiro e tem que carregar esse momento sozinhas e uma das consequências é a perda de meses de aula no fim da gestação e primeiros dias após o parto, o sentimento de exclusão e preconceito por parte dos outros alunos no espaço escolar se não no pior dos casos o abandono da vida escolar.

Perceber atitudes preconceituosas no espaço escolar se tornaram infelizmente algo mais corriqueiro do que antes, por ser um lugar plural que recebe jovens das mais diversas culturas e realidades acaba que acontecendo um choque de realidades distintas, aqueles mais diferentes acabam sofrendo preconceito. Aqueles que fazem parte da comunidade das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e *Queer* (LGBTQ+) são um grupo que em meio a essa onda de preconceito se mostra cada vez mais presente no espaço, pois percebemos um sentimento de em meio ao ódio reconhecer que eles existem e precisam “sair do armário” para viverem no mundo no qual tem direito como todos. Tanto o lado da juventude que faz parte da comunidade LGBTQ+ e que sofre o preconceito na escola como o lado da juventude preconceituosa que divide esse espaço fazem parte da juventude total que compõem a escola, que tem seus dilemas e precisam de ajuda da escola que tem como objetivo possibilitar uma formação cidadã a todos.

Uma realidade da escola pública de Ensino Médio que percebemos atualmente é a presença das drogas e da criminalidade dentro da escola, cada vez mais uma parcela da juventude está tendo contato com essas experiências e tem suas vidas transformadas e pautados por tais, fazendo com que ao chegarem na

escola também moldem vários comportamentos e atitudes que é perceptível atualmente no espaço escolar.

Ter que unir os estudos e o trabalho na juventude acabou se tornando uma realidade bem comum nos últimos anos por vários motivos, sejam eles pela necessidade em ajudar a família financeiramente, pelo fato dos jovens se tornarem pais mais cedo e terem que sustentar suas próprias famílias ou pelo desejo de independência financeira para não ficarem apenas dependendo dos pais.

Este jovem urbano e contemporâneo que foi sendo descrito durante essa discussão estabelecida neste capítulo retrata a realidade dos sujeitos que fazem parte da escola de Ensino Médio atual e junto de todas essas características eles precisam estudar, aprender, entender o mundo e continuar na tentativa de se construírem como sujeitos da sociedade contemporânea.

4.1 O que sabem os alunos sobre o semiárido?

Os alunos do Ensino Médio têm uma visão do Semiárido que pôde ser construída através do aprendizado adquirido de alguns espaços e momentos, como o Ensino Fundamental, no próprio Ensino Médio e no seu cotidiano através das mídias ou vivências familiares. Para se ter uma compreensão de qual visão estes alunos do Ensino Médio pesquisados têm sobre o Semiárido farei uso de dados primários adquiridos com aplicação de questionário (APÊNDICE B) com 30 alunos, sendo 15 de cada turma pesquisada.

Quando estes alunos são questionados sobre o semiárido eles primeiramente pensam e evocam palavras padrões que acabam se repetindo na maioria das respostas, como: seca, clima seco, quente e calor. É notório que o que acaba se destacando na visão dos alunos são características do clima, relacionadas às altas temperaturas nessa região, o que acabou fugindo dessas características foram respostas destacando a vegetação, a caatinga, o cacto, agricultura e um aluno colocou as belezas naturais.

Os alunos acabam descrevendo essa região do Brasil como uma região que é seca, onde faltam chuvas e água, onde é muito difícil de se viver, que os animais e as plantas morrem por causa da falta d'água. O Aluno 16 do 1º ano I relatou o que sabia sobre essa região dizendo que “apesar de não saber muito bem sobre o semiárido, o Brasil tem um clima um pouco desagradável, pois muitas das

vezes o clima chega a ser insuportável pelo calor” (16, 1º ANO I, 2018), ficando claro como eles acabam tendo uma visão muito fechada na condição climática do semiárido atrelado a falta d’água e poucas chuvas.

Se ao pensar no Semiárido se destacavam aspectos positivos ou negativos 21 dos alunos que responderam ao questionário foram enfáticos em afirmar que são os aspectos negativos que se destacam e a maioria destes atrelou a esta resposta o problema da seca ocasionada pela falta d’água. Essas respostas reforçam como a região semiárida é compreendida com uma visão negativa sendo sempre posto em destaque problemas vivenciados na região, como se tudo se resume a tais problemas deixando de lado ou até mesmo acreditando que não exista aspectos positivos na região.

O Aluno 3 do 1º H justificou sua resposta como negativa “porque é uma região bastante abandonada pelo poder público” (3, 1º ANO H, 2018), destacando a falta de ações do poder público para amenizar as dificuldades enfrentadas por causa dos pontos negativos. O Aluno 12 do 1º ano H diz “na minha opinião não seria um clima bom de se viver, pois pode haver falta de água e o calor incomoda, os animais podem morrer mais depressa” (12, 1º ANO H, 2018), ele coloca os problemas enfrentados por aqueles que vivem nessa região, destacando a perda dos animais por causa da seca que é uma realidade presente no Semiárido.

Foi perceptível a dificuldade encontrada pelos alunos para atribuírem aspectos positivos ao Semiárido, sendo que 7 dos 30 alunos que responderam ao questionário colocaram apenas que não existia nenhum aspecto positivo. Diante das respostas apresentadas por aqueles que conseguiram colocar algum aspecto acabou que se repetindo na maioria das vezes a questão da agricultura como algo positivo, sendo destacada a necessidade dos raios solares para o melhor desenvolvimento das plantações. Um ponto positivo colocado por um aluno que chamou a atenção foi a questão da religião, sendo destacado a importância da fé para o povo que tanto sofre nessa região.

Algo que acabou sendo notável nas respostas acerca dos aspectos positivos foram alguns que colocaram as praias como pontos positivos, sendo que estas ficam na região litorânea do país, tendo na maioria das vezes um clima diferente do Semiárido por causa da brisa marítima.

Para destacar os aspectos negativos os alunos não tiveram nenhuma dificuldade, sendo que todos colocaram alguma resposta e a maioria acabou

repetindo a questão da seca e da falta d'água, apresentando também a questão da morte de animais e da fome presente na região. Então fica reforçado como é mais fácil para estes alunos que estão no Ensino Médio ter o Semiárido atrelado mais rapidamente a uma imagem negativa.

As mídias sociais são ferramentas de grande impacto social em relação a tudo aquilo que permeia as relações sociais vivenciadas no cotidiano, pois elas acabam chegando a grande massa da sociedade e servindo de ferramenta na construção das verdades estabelecidas por cada sujeito dessa sociedade. Elas podem influenciar tanto na construção de uma imagem positiva como negativa de um determinado espaço ou sujeito, pois de acordo com aquilo que é enfatizado em seus diversos meios de comunicação vai sendo propagado entre as pessoas.

Dos 30 alunos que responderam ao questionário, 29 destacaram que a imagem que eles veem nas mídias, na TV ou nos filmes do Semiárido está relacionada à seca que assola essa região, então de todos os aspectos que nela existem o que é apresentado pelas mídias e que acaba reforçando essa imagem negativa é a questão da seca, da falta d'água e morte de animais. Também se repetiu muito nas respostas dos alunos a imagem do chão rachado que é bem comum ser visto em novelas e filmes que se passam na região semiárida e quando eles veem nos jornais na TV reportagens sobre essa região é na maioria das vezes atrelado a uma imagem do chão rachado. Para exemplificar essa imagem negativa que os alunos têm a partir das mídias trago o relato do Aluno 12 do 1º ano H que disse “vejo uma imagem ruim, normalmente é sobre secas que prejudicam tanto as pessoas, plantações e animais, como gados, por exemplo” (12, 1º ANO H, 2018).

Os alunos tiveram mais dificuldade ao serem solicitados para fazer uma relação do Semiárido aos livros didáticos que eles já estudaram desde o Ensino Fundamental até o atual ano do Ensino Médio. No início a maioria destacou que não lembrava de nada dos livros reforçando uma questão presente na Educação Básica que é o distanciamento dos alunos com o Livro Didático aos seus estudos, essa importante ferramenta no aprendizado acaba servindo apenas para o uso na resolução de atividades, enquanto ele deveria ser uma base de pesquisa para o aprendizado dos conteúdos.

Aqueles que responderam a esta pergunta acabaram se colocando em dois grandes grupos de respostas, o primeiro daqueles que destacaram os mapas utilizados nos livros para falar do Semiárido e alguns destacaram esse assunto nos

livros nos conteúdos de relevo, solo e vegetação e o segundo grupo reforçou a imagem da seca, das altas temperaturas e dificuldades para se viver nessa região.

O conteúdo do Semiárido é proposto pelo currículo para ser estudado no 1º ano do Ensino Médio, mas desde o Ensino Fundamental é possível ver este conteúdo atrelado a outros conteúdos, então ao chegar no 1º ano estes alunos deveriam já ter uma imagem do Semiárido formada de acordo com todo o caminho escolar percorrido até então, mas ao serem perguntados o que eles já haviam aprendido sobre o assunto durante toda sua formação escolar a maioria acabou dando respostas acerca daquilo que estava mais fresco em suas mentes, que eram aspectos do relevo presente nessa região que foi o conteúdo estudado no bimestre anterior e aspectos climáticos que tinham sido estudados no atual bimestre.

Fazendo uma análise das respostas a esta pergunta se percebe a dificuldade que os alunos têm de fazer associações daquilo estudado na escola, desde os conteúdos de períodos diferentes como do Ensino Fundamental e do Médio, como de até disciplinas diferentes, mas que existem conteúdos relacionados. Pois ao pensarem naquilo que aprenderam sobre o Semiárido em toda sua formação eles poderiam fazer relações entre o estudo da paisagem feito no Ensino Fundamental, a agricultura que é tão presente nessa região e que é assunto já estudado por eles e aqueles conteúdos estudados mais recentes como o relevo e o clima, mas tentando fazer uma relação lógica entre estes conteúdos.

A maior parte do Estado do Ceará está no clima Semiárido, mesmo a capital Fortaleza estando num clima diferente existem diversas relações que aproximam esses dois espaços. Ao serem perguntados se já haviam visitado alguma cidade presente na região semiárida 24 dos 30 alunos responderam que sim, mostrando como mesmo morando em Fortaleza existem várias ligações entre eles e as cidades do Semiárido, a maioria destes que responderam justificaram que foram para cidades do interior do Ceará por terem familiares que moram nessas cidades.

Ao pensarem naquilo que mais os chamou a atenção nessas cidades se repete entre a maioria a questão das altas temperaturas e como isso incomoda, alguns destacaram mais uma vez a falta d'água. Dois alunos acabaram colocando em suas respostas as características das pessoas que vivem nessas cidades, os descrevendo como pessoas simples e simpáticas que é percebido pela grande receptividade dessas pessoas para com aqueles que chegam até suas casas. O Aluno 12 do 1º ano H ao responder o que mais lhe chamou a atenção disse que “no

local onde fui a água ficava em tambores, hoje já são cisternas, o gado era magro e haviam alguns ossos de bois nos locais de pasto, essa imagem chega a ser triste” (12, 1º ANO H, 2018). Esse relato mostra uma relação de proximidade entre este aluno e a realidade do Semiárido, isso pode ser explicado pelo fato de provavelmente existir pessoas da sua família que moram nessa região e ele acabou tendo a oportunidade de ir mais de uma vez a essa realidade e isso o faz ter um sentimento de empatia para a vida daqueles que precisam se adaptar as realidades presentes na região semiárida.

Como sabemos a cultura da região semiárida é riquíssima em seus mais diversos aspectos, seja na música, no artesanato, na culinária, na literatura etc., então essa cultura acaba extrapolando os limites dessa região e chegando a outros lugares possibilitando um contato entre culturas diferentes. A maioria dos alunos que respondeu ao questionário coloca que já tiveram contato com algo da cultura do povo que vive no Semiárido, nas respostas o que mais se sobressaiu foi a questão da culinária sendo ressaltado a Galinha Caipira, um prato típico da região do interior.

O que mais se destacou nas respostas foi o artesanato, as festas religiosas que são bem comuns como os festejos do padroeiro e a arte do cordel, onde todos que colocaram esta resposta associaram a esse contato que tiveram com a escola, mostrando como é possível vivenciar o Semiárido também através de outras disciplinas como a Literatura e Língua Portuguesa. Percebemos que existe uma admiração por essa cultura pela fala do Aluno 16 do 1º ano I, onde ele fala que “aqui no Nordeste é um dos lugares que as culturas são mais lindas, tanto quanto as músicas quanto as comidas típicas, as artes” (16, 1º ANO I, 2018).

Como já foi dito, mesmo Fortaleza sendo uma grande metrópole e estando num clima diferente do Semiárido existem diversos aspectos que ligam estas duas realidades. Então foi perguntado aos alunos quais relações eles conseguiam identificar entre estes dois lugares. A maioria acabou ressaltando aspectos culturais, desde a questão da religiosidade até o artesanato, também foi comum nas respostas a questão da agricultura mostrando que eles percebem a importância daquilo que é produzido nessa região para o abastecimento nas grandes cidades. Alguns ainda conseguiram identificar a relação acerca do abastecimento d’água que chega até Fortaleza e que vem de reservatórios que estão localizados no interior do Ceará.

4.2 Aproximação com o Local: o Semiárido no Ensino Médio

Perceber o Semiárido a partir de uma nova ótica, saindo dessa visão apenas negativa perante os problemas enfrentados na região e buscando perceber as relações existentes entre os pontos negativos e as diversas potencialidades é a ação necessária para se modificar as relações estabelecidas com essa região que tem sua importância regional e nacional.

O Semiárido brasileiro vai além do problema da falta d'água e de como isso se reverbera no modo de vida das pessoas dessa região, existem aspectos naturais e humanos que constituem toda uma vida e uma cultura presente nessa parte do Brasil e que deve ser estudada e repassada para que aconteça essa transformação de visão para com a realidade vivenciada.

No intuito de levar para dentro de sala de aula um momento mais aprofundado para uma discussão acerca das várias facetas da realidade vivenciada no Semiárido brasileiro foi realizado uma intervenção junto às atividades do Estágio IV na escola de Ensino Médio nas turmas do 1º ano H e I, no dia da intervenção tinha uma média de 30 alunos presentes em cada turma.

A primeira parte da intervenção se deu com a apresentação de um documentário para a turma, fazendo uso de materiais didáticos no caso a TV que está presente nas salas das duas turmas. O documentário escolhido foi o Conviver que está disponível no canal do *YouTube* Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), ele está disponível no canal desde o dia 19 de setembro de 2017 e a produção é resultado de entrevistas realizadas com pessoas que vivem em comunidades espalhadas pela região semiárida brasileira, onde em cada relato é destacado as riquezas naturais e culturais presentes em suas vivências trazendo um novo olhar para essa realidade e principalmente a partir daqueles que a vivenciam.

Apresentar este documentário para os alunos foi uma tentativa pedagógica de através das aulas de Geografia durante o 1º ano do Ensino Médio mostrar para eles o Semiárido de uma maneira mais articulada entre aspectos diferentes e não de maneira isolada apenas a partir do viés climático como é colocado no Livro Didático.

A escolha por fazer uso de um documentário também tem a ver com a necessidade de se usar metodologias em sala para estimular o processo de ensino e aprendizagem, pois como já foi discutido anteriormente este jovem que vivencia o

Ensino Médio está cada vez mais desinteressado na aula e preso na velocidade estabelecida pela experiência das novas tecnologias, então fazer uso do áudio visual em sala, para jovens, que tem uma aproximação tão grande com filmes e séries, é uma maneira de trazê-los para essa discussão e aprendizado do Semiárido.

Uma pauta importante levantada durante o documentário e que foi um dos motivos para trazê-lo para os alunos foi a questão da convivência com o Semiárido que vem sendo discutida e vivenciada nos últimos anos, então é preciso trazer esta discussão para dentro de sala de aula para que essa mudança de visão de apenas da seca para uma convivência com todos os aspectos da semiaridez aconteça no espaço do Semiárido e também no aprendizado dos alunos acerca deste conteúdo. Contil e Pontel (2013, p. 27) fazem uma pertinente discussão acerca dessa convivência necessária no Semiárido:

A convivência manifesta uma mudança na percepção da complexidade territorial e possibilita resgatar e construir relações de convivência entre os seres humanos e a natureza, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das famílias sertanejas. Essa nova percepção elimina “as culpas” atribuídas as condições naturais e possibilita enxergar o Semiárido com suas características próprias, seus limites e potencialidades. (CONTIL; PONTEL, 2013, p. 27)

Partindo dessa compreensão sobre a convivência com o Semiárido ela é apresentada como algo que não só é necessário, mas que é colocada como um “grito” de uma realidade vivenciada durante toda a história do povo que vive no Semiárido, reforçando e dando base para que essa discussão aconteça também durante a formação da juventude, dentro do espaço escolar.

Após a exibição do documentário comecei uma discussão com os alunos sobre o que eles tinham aprendido sobre o Semiárido, se a imagem que detinham sobre essa região tinha mudado, se caso o questionário que eles responderam para a pesquisa fosse aplicado naquele momento se eles dariam outras respostas, para a partir dessas questões auxilia-los na construção de uma nova imagem do Semiárido brasileiro, fazendo relações entre o apresentado no documentário e o conteúdo.

A principal mudança no discurso dos alunos acerca do Semiárido após o documentário foi como eles puderam ver esta região pela ótica daqueles que moram e constroem o que chamamos de Semiárido, na fala deles foi perceptível como eles entenderam que o Semiárido vai além do calor que lá faz e que existem pessoas que vivem e sobrevivem nessa região e que mesmo com a presença de alguns

problemas que existem em todo lugar eles vivem bem, são satisfeitos por poderem viver aquela realidade do povo do sertão, que tem suas próprias características que são repassadas a cada geração.

Como o documentário é constituído da fala de pessoas que vivem no Semiárido acabaram sendo destacadas as características culturais dessas pessoas, do modo de vida e das relações estabelecidas entre eles e um ponto que sobressaiu foi o da agricultura e os alunos também reconheceram como foi possível mudar a imagem que tinham do Semiárido de apenas um chão rachado para um lugar que existe a agricultura desde grandes plantações de feijão até a horta no quintal de casa e que essa produção é de extrema importância para cada um deles.

A segunda parte da intervenção se deu com a apresentação de alguns aspectos físicos e humanos que compõem a região semiárida brasileira, fazendo uso de uma apresentação em *PowerPoint* sendo organizado primeiro com a delimitação do Semiárido brasileiro através de um mapa e os aspectos naturais (Relevo, Vegetação, Hidrologia e Clima). Em seguida foram apresentados os componentes da cultura do Semiárido (Festas Juninas, Reisado, Artesanato e etc.), e por fim, destaquei alguns pontos turísticos que ficam no interior e são exemplos das características do Semiárido, desde o clima quente até a presença da Caatinga.

Fazendo uso da apresentação em *PowerPoint* foi dada continuidade à discussão (FIGURA 2) mais aprofundada sobre o Semiárido. A cada informação sobre a região era feita uma relação com o conteúdo apresentado no documentário e os saberes dos alunos, mas que apenas não conseguiam fazer uma ligação entre esse conhecimento popular com aquele proposto na escola. Por exemplo, no momento de discussão sobre as Festas Juninas ou sobre a Música popular no Nordeste, em especial o forró, a maioria tinha algo a comentar sobre alguma experiência vivenciada, alguns gostavam de dançar quadrilha ou de assistir aos espetáculos de dança de quadrilha, ou conheciam o grande São João de Campina Grande-PB pelas mídias sociais e boa parte da turma tinha uma aproximação com o forró, sendo destacado por eles que existe uma diferença entre o forró mais antigo chamado por eles de “forró pé de serra” e esse forró mais atual que acabou se popularizando pelo país.

Durante a discussão foi se destacando da parte dos alunos uma aproximação existente entre alguns deles com aspectos do Semiárido, um exemplo foi de um aluno que disse que gostava da Literatura de Cordel e que até escrevia

alguns cordéis de maneira simples só para guardar mesmo e diante disso fomos discutindo e percebendo essa aproximação que existe entre a vida numa grande metrópole como é o caso de Fortaleza e o Semiárido.

Figura 2 – Momento de discussão com os alunos sobre os aspectos físicos e humanos do Semiárido



Fonte: FARIAS, C.S.S. (2018)

Por fim, na intervenção apresentei para eles alguns pontos turísticos que ficam na região semiárida e que representam bem as características do Semiárido (Cabaceiras-PB, Raso da Catarina-BA, Parque Nacional da Serra da Capivara-PI e Cânion do Xingó-SE), mostrando para os alunos como existem diversos locais repletos de belezas naturais e culturais no Semiárido que podem ser visitados. Durante a discussão fui destacando a beleza natural através de fotos e também aspectos da cultura, como no Parque Nacional da Serra da Capivara-PI que é um dos locais que mais se tem figuras rupestres no mundo e existem indícios que comprovam que o primeiro homem a chegar na América viveu naquela região.

Então foram feitas todas estas discussões no intuito de aproximar os alunos com a realidade do Semiárido, mas sem ficar restrito apenas as condições climáticas proposta pelo Livro Didático e fazendo ligações entre suas vidas e a vivência nessa região tão rica de natureza e cultura.

5 CONCLUSÃO

A Educação Básica como um todo está repleta de dificuldades que permeiam o caminho da educação e formação dos sujeitos que por ela passam, como é o caso do Ensino Médio período o qual foi objeto de estudo dessa pesquisa. Uma dessas dificuldades presentes nesse período está no estudo dos conteúdos das disciplinas, onde se destaca aqui o conteúdo do Semiárido no Ensino de Geografia.

Os conteúdos de Geografia no Ensino Médio passam por alguns estágios até chegar ao professor da disciplina em sala de aula, sejam eles a própria formação desse professor que vai ser sua base no ensino, o currículo que estabelece o que deve ser ensinado no Ensino Médio e até a estrutura da escola, tanto a física como a humana, que também são fatores pertinentes nesse processo de ensino.

Como percebemos no decorrer desta pesquisa o conteúdo do Semiárido é colocado no Ensino Médio apenas no 1º ano e a partir do viés climático de maneira superficial, também aparecendo de forma bem sutil em outros conteúdos destinados a este mesmo ano de formação. Mas ficou claro como este conteúdo é rico de aspectos geográficos que precisam ser estudados de uma maneira mais aprofundada nesse período de formação dos alunos, especialmente no caso estudado pelas várias relações de ligações entre a vida em Fortaleza e no Semiárido.

Diante dessa realidade da maneira superficial que é apresentado o conteúdo do Semiárido o principal problema para que assim aconteça destacado pelo professor de Geografia e até perceptível pelas minhas observações é a questão do tempo, ou melhor, da falta de tempo para se trabalhar tantos conteúdos que são propostos para o ano letivo. Em meio a correria para se trabalhar todos os conteúdos, que os alunos tenham boas notas nas avaliações escolares e também naquelas avaliações externas acaba que sendo “impossível” para o professor se debruçar da maneira essencial sobre este conteúdo.

Os alunos do Ensino Médio embasado por aquilo aprendido no decorrer de sua formação escolar e dos aprendizados no cotidiano acabam tendo uma imagem negativa do Semiárido brasileiro, ficando perceptível em suas falas que aquilo que mais chama a sua atenção desta região são as altas temperaturas e o problema da seca. Com isso fica ainda mais necessário se trabalhar de uma

maneira mais aprofundada este conteúdo no Ensino Médio, buscando fazer as relações necessárias entre as características físicas e humanas dessa região para que se possa ter uma visão ampla e crítica de todas as relações existentes.

Perante este panorama da realidade presente no Ensino Médio acerca do conteúdo do Semiárido que é cheio de dificuldades que apenas dão continuidade para esta imagem negativa da região é preciso se fazer algo, então reconheço que diante do currículo que estabelece os conteúdos destinados ao ano letivo e que coloca o Semiárido de uma maneira superficial, do Livro Didático que não é uma fonte de embasamento sobre o conteúdo como deveria ser e da falta de tempo do professor de Geografia para se fazer uma análise mais aprofundada do conteúdo em sala de aula, é preciso uma ação em conjunto para que a mudança necessária aconteça no ensino deste conteúdo. O professor precisa estar disposto a fazer escolhas no seu planejamento para que aconteça um ensino mais profundo e crítico do Semiárido, como foi sugerido pelo próprio professor pesquisado a escola também precisa agir possibilitando a execução de projetos até interdisciplinares na escola onde sejam dedicados espaço e tempo para que aconteça essa discussão sobre os aspectos físicos e humanos do Semiárido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/foyPtJ>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2018.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?. **Terra Livre**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.133-152, jan. 2001.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 182-211.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap. 2. p. 35-47.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, Sp: Papyrus, 1998. 192 p.

_____. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, Sp: Papyrus, 2013. 208 p.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p.549-566, set. 2004.

CONTIL, Irio Luiz; PONTEL, Evandro. Transição paradigmática na convivência com o Semiárido. In: CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar (Org.). **Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília-df: labs, 2013. p. 21-30.

COSTELLA, Roselane Zordan. A importância dos desafios na construção do conhecimento geográfico. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 49-54.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para *lerpensar* o mundo, *converentendersar* com o outro e *entendescobrir* a si mesmo. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap. 1. p. 15-33.

MAIA, Rúbson Pinheiro; BEZERRA, Francisco Hilário Rego. **CONDICIONAMENTO ESTRUTURAL DO RELEVO NO NORDESTE SETENTRIONAL BRASILEIRO. Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p.127-141, 2014.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007. 140 p.

NIMER, E. **Climatologia do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri et al (Org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 34-49.

PEREIRA, Raimundo Castelo Melo; SILVA, Edson Vicente da. Solos e vegetação do Ceará: características gerais. In: BORZACCHIELLO, José; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 189-210.

RESENDE, Márcia M. Spyer. O saber do aluno e o ensino de Geografia. In: VESENTINI, José William et al (Org.). **Geografia e Ensino: textos críticos**. 11. ed. Campinas, Sp: Papirus, 2009. p. 83-115.

RODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/LYnfx2>>. Acesso em: 26 set. 2018.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. Reinventando o Ensino da Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 331-341.

SOUZA, Maria Salete de. Ceará: bases de fixação do povoamento e o crescimento das cidades. In: BORZACCHIELLO, José; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 13-31.

VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da Geografia. In: VESENTINI, José William et al (Org.). **Geografia e Ensino: textos críticos**. 11. ed. Campinas, Sp: Papirus, 2009. p. 161-179.

ZANELLA, Maria Elisa. As características climáticas e os recursos hídricos do Ceará. In: BORZACCHIELLO, José; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 169-188.

**APÊNDICE A – ENTREVISTA DIRECIONADA AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA
SUPERVISOR DAS ATIVIDADES DO ESTÁGIO IV NA ESCOLA DE ENSINO
MÉDIO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
APÊNDICE A - ENTREVISTA DIRECIONADA AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA
SUPERVISOR DAS ATIVIDADES DO ESTÁGIO IV NA ESCOLA DE ENSINO
MÉDIO
PESQUISADOR: CARLOS SENNA SOARES FARIAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**

1. Qual sua Formação? Ano de conclusão do curso de Licenciatura? Em qual instituição de ensino? Qual tempo de magistério?
2. Qual a importância do Ensino de Geografia para a o Ensino Médio?
3. Quais os maiores problemas/dificuldades que você encontra na realidade do Ensino Médio?
4. O que você acha que poderia ser feito para pelo menos amenizar estes problemas/dificuldades?
5. Como você analisa o perfil dos alunos que chegam ao Ensino Médio atualmente?
6. Você acha importante se trabalhar conteúdos que as vezes não são tão aprofundados no currículo, no planejamento anual e no livro didático, por exemplo, o conteúdo do Semiárido?
7. Quais dificuldades você encontra para trabalhar o conteúdo do Semiárido ou outros como esse que não fazem parte daqueles propostos para o ano letivo, mas que você reconhece que precisam ser aprofundados?
8. Em relação ao livro didático, você acha que ele abrange bem o conteúdo do Semiárido ou deixa a desejar? Se deixa a desejar, o que falta para ele ser mais útil para a abordagem desse conteúdo?

APÊNDICE B – ENTREVISTA DIRECIONADA AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA****APÊNDICE A - ENTREVISTA DIRECIONADA AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO
PESQUISADOR: CARLOS SENNA SOARES FARIAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**

1. Escreva as primeiras palavras que vem a sua mente quando você pensa sobre o Semiárido Brasileiro:
2. Descreva em algumas palavras qual a sua visão sobre o Semiárido Brasileiro:
3. Quando você pensa no Semiárido, se destaca aspectos positivos ou negativos? Por quê?
4. Quais características positivas você conhece do Semiárido?
5. Quais características negativas você conhece do Semiárido?
6. Qual imagem do Semiárido você vê nas mídias, TV, filmes, etc.?
7. Como o semiárido é representado nos livros didáticos que você já estudou?
8. O que você já aprendeu sobre o semiárido na escola (Fundamental e Médio)?
9. Você já foi a alguma cidade do Semiárido? Se sim, descreva em algumas palavras o que mais lhe chamou a atenção?
10. Você já teve contato com a cultura do Semiárido (Música, Cordel, Artesanato, culinária, etc.)? Se sim, qual e em qual circunstância?
11. Quais relações você percebe entre a vida no Semiárido e a vida em Fortaleza?